

As leguminosas de Pernambuco e Paraíba

(Trabalho subvencionado pelo Conselho Nacional de Pesquisas).

A. Ducke

Minha proposta para ser Recife o ponto de partida das pesquisas botânicas no Nordeste do Brasil, apresentada ao Conselho Nacional de Pesquisas, obedeceu a considerações que passo a expor. Para obter resultado apreciável no prazo de um só ano era indispensável o apoio por parte de uma instituição possuidora de uma secção de botânica, como no Nordeste só se encontram em Recife e Fortaleza; Recife mereceu a preferência, por ser a flora de Pernambuco uma das menos estudadas do Brasil inteiro. Quando, em 1937, visitei o Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, então dirigido pelo Dr. A. BARCELOS FAGUNDES, verifiquei a presença, na zona da mata dêsse Estado, de espécies supostamente limitadas à hiléia amazônica, em contradição com os dizeres da "Flora Brasiliensis" de MARTIUS; animou-me isso para realizar, nos anos de 1947 a 1950, alguns estudos nos arredores de Recife, prestigiados pelo atual diretor daquele instituto, agr.^o MARIO BEZERRA DE CARVALHO, o qual pôs à minha disposição seu auxiliar botânico, agr.^o DÁRDANO DE ANDRADE LIMA. O material coletado foi estudado no Rio e em Belém (Instituto Agronômico do Norte) e contribuiu para várias publicações cuja principal é a Revisão das Maçarandubas, no Anuário Brasileiro de Economia Florestal n.^o 3. Fator muito importante em favor da escolha de Recife foi a presença do herbário PICKEL, no referido instituto.

DOM BENTO PICKEL, da ordem de SÃO BENTO, foi durante muitos anos professor de botânica na antiga Escola Superior de Agricultura de Tapera (Pernambuco) e deixou um herbário cuja parte classificada na Alemanha antes da guerra substituiu até certo ponto os inacessíveis tipos das espécies, quase todos conservados na Europa. Além destas vantagens eu tinha a certeza do apoio para pesquisas na vizinha Paraíba, por parte do agr.^o LAURO PIRES XAVIER, executor do Acôrdo Florestal no Estado da Paraíba, meu antigo companheiro na "Rubber Survey Party" (comissão mista brasileira e norte-americana) de 1940/41 e grandemente interessado no estudo da flora florestal do seu Estado.

O herbário PICKEL, que abrange cêrca de 4.600 números, consistia até a sua recente reforma de duas partes cuja maior já estava

classificada. Uma lista dos nomes foi recentemente publicada por DÁRDANO A. LIMA, no Boletim da Secretaria de Agricultura de Pernambuco, sob o nome "Catálogo do herbário da Escola Superior de Agricultura de Tapera, Pernambuco"; os nomes aí estão como os deixou o padre. Dessas classificações, uma parte, de autoria do professor PILGER (do Museu Botânico de Berlim-Dahlem) ou do próprio PICKEL, estava quase sem exceção correta e muito nos orientou na identificação do material posteriormente adquirido; a outra parte tinha de ser re-classificada, por conter numerosos binômios errados. A parte não classificada e desde 1937 abandonada foi agora posta em ordem pelo Dr. DÁRDANO conforme as famílias e restaurada na medida das possibilidades. Obedecendo a um plano previamente estabelecido, escolhi para objeto principal de estudos as leguminosas, a família mais importante da flora brasileira, pelo número de espécies e seu valor econômico.

Na parte já classificada do herbário PICKEL, constante do referido catálogo, havia 122 espécies (26 das quais tiveram de ser re-classificadas) de leguminosas nativas do Estado de Pernambuco (incluindo as poucas coletadas na vizinha Paraíba); encontrei ainda 34 na parte só agora identificada, o que eleva o número total das espécies de leguminosas daquele herbário para 156. Outras 44 foram coletadas pelo Dr. DÁRDANO antes de setembro de 1951, comêço dos trabalhos conjuntos para o Conselho Nacional de Pesquisas, os quais forneceram mais de 40 espécies. O número total das espécies de leguminosas atualmente (setembro de 1952) existentes no herbário do I.P.A. de Pernambuco é de 240. Se adicionarmos a esta cifra mais 16, por nós não encontradas, porém citadas na "Flora" de MARTIUS para Pernambuco, Alagoas ou Paraíba, as espécies de leguminosas registradas para a flora desta região serão 256. Das 16 espécies acima mencionadas, algumas foram coletadas em lugares que atualmente talvez pertençam a outros estados (Piauí, Bahia). O número total das espécies citadas para os três Estados, na "Flora" de MARTIUS, é apenas de 47, verificando-se assim o aumento de 209 espécies, por coleções recentes.

O herbário PICKEL é rico em espécies herbáceas e arbustivas, porém paupérrimo em espécies arbóreas; por êsse motivo concentramos nossa atenção sôbre as árvores e principalmente as de porte elevado.

O plano prévio de trabalhos incluía pesquisas nos Estados de Alagoas e Paraíba, cuja flora está tão pouco estudada quanto a de Pernambuco. Não me foi possível visitar Alagoas, porém fiz duas excursões à Paraíba para estabelecer contacto com o Dr. LAURO XAVIER e examinar seu herbário no qual encontrei 95 espécies de leguminosas, tôdas também encontradas em Pernambuco.

Em seu livro "As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização", o professor VASCONCELOS SOBRINHO, da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, divide êsse Estado em duas zonas: a da mata e a da catinga. A zona da mata, cuja largura varia segundo VASCONCELOS desde menos de 70 quilômetros até mais de 300, é subdividida em duas subzonas: a marítima e a continental. A maior parte dos ar-

redores de Recife e a totalidade dos de João Pessoa pertencem à primeira, e somente alguns subúrbios de Recife atingem o limite da segunda.

A subzona marítima ou do litoral é, no citado livro, definida como “muito estreita, atingindo sua maior largura no município de Goiana onde sobem os tabuleiros que constituem um dos aspectos mais típicos”. Compõe-se de praias, dunas e mangues cuja flora não diverge essencialmente da de lugares semelhantes ao longo de toda a costa atlântica tropical sulamericana; de morros argilosos com vegetação predominantemente arbustiva, tipo capoeira, e de restingas e tabuleiros. Não existem matas de porte alto. Tive oportunidade de conhecer esta zona, ao Sul e ao Norte de Recife e daí até a capital da Paraíba. Nas restingas encontrei uma flora que em seu aspecto geral lembra as do Rio de Janeiro mas é em grande parte composta de espécies diferentes ou vicariantes. No limite Norte de Pernambuco começam os tabuleiros que seguem em direção a João Pessoa e cujas partes mais elevadas oferecem aspectos do “cerrado” do Brasil Central, com as características leguminosas arbustivas *Harpalyce brasiliana* e *Andira laurifolia*. Outra leguminosa notável dos tabuleiros altos é *Hymenolobium alagoanum*, dantes só conhecido de Alagoas. Esses tabuleiros e restingas diferem dos do litoral cearense, conquanto possuam em comum a mangabeira: a maçaranduba do litoral pernambucano é *Manilkara Salzmanni*, e a do Ceará é *Man. triflora*. Em toda a zona marítima abundam ervas e subarbustos entre os quais as leguminosas são representadas por grande número de indivíduos e bastante numerosas espécies da tribo *Hedysareae* (gêneros *Stylosanthes*, *Zornia*, *Desmodium* e *Aeschynomene*); nas restingas, algumas espécies arbustivas de *Cassia* e uma *Calliandra* chamam a atenção por suas flores vistosas.

Na subzona continental da zona da mata predominam as culturas (de cana principalmente), e poucos são os remanescentes das primitivas florestas que nos possam dar alguma idéia a respeito da vegetação primária. Nos arredores do Recife existem algumas “reservas” de mata pluvial bem conservada embora desfalcada de um certo número de árvores de valor econômico. Sua aparência é bastante exuberante, embora em parte alguma elas ostentem a riqueza em epífitas das florestas do Sueste nem o número e o grande porte dos cipós amazônicos; o número das espécies é muito menor que naquelas. A mais próxima da capital é a de Dois Irmãos, no morro entre o Jardim Zoo-botânico e o lugar Brejo de Macacos; mais distantes ficam a da Usina Mussurepe na estrada da Aldeia, e a de Gurjaú perto da estrada do Cabo. Coleções e observações foram ainda feitas na mata da Usina Santa Tereza, de Goiana, a cerca de 65 quilômetros ao Norte do Recife. Notei que essas matas não são prejudicadas, em seu aspecto geral, pelos longos períodos secos do verão, ao contrário do que sucede na Amazônia. É no verão que aí floresce a totalidade das árvores, sobretudo nos seus primeiros meses (os mais secos), outubro a dezembro; em janeiro esse número começa a decrescer, e já em abril está reduzidíssimo. No inverno (maio a agosto) não há árvores florestais em flor, e raras fru-

tificam. As árvores que observei nessas matas pertencem em parte a espécies cuja área geográfica se estende até o Sul tropical, como o jequitibá (*Cariniana brasiliensis*), o buranhem (*Pradosia lactescens*), a urucuba (*Viola Gardneri*), o pau d'óleo (*Copaifera nitida*) e o pau Brasil (*Caesalpinia echinata*); outras eram até agora conhecidas somente na Amazônia, por exemplo o visgueiro (*Parkia pendula*, a árvore mais típica da paisagem), o cumaru verdadeiro (*Coumarouna odorata*), a sucupira açu (*Diploptropis purpurea*) e o camaçari (*Caraipa densifolia*). Um bom número foi até agora observado só na Bahia. Algumas espécies, como por exemplo o oiticoró (*couepia rufa*), o barabuda mata (*Peltogyne recifensis n. sp.*), duas espécies novas de jabotá (*Hymenaea*) e a nova *Pradosia verrucosa* estão por enquanto registradas só para Pernambuco. Raras são as árvores florestais de porte grande, distribuídas para o Norte até a Amazônia e para o Sul até o Rio de Janeiro, como sucede com a moracea *Clarisia racemosa* (oiticica em Pernambuco e no Rio, guariuba na Amazônia). Das 4 espécies de *Strychnos* observadas nesta subzona, *S. divaricans* que é própria da mata úmida era somente conhecida no Pará e Maranhão, enquanto a área geográfica das três outras se estende do Nordeste ao Sul do país. A subzona da mata divide-se segundo VASCONCELOS em mata úmida que abrange todo o Sul do Estado desde a fronteira de Alagoas até a bacia do Capibaribe, e a mata seca que começa aqui e vai até os limites com o Estado da Paraíba; a flora das duas difere, segundo o autor citado, principalmente na frequência de indivíduos de cada espécie. Certas espécies parecem próprias da mata úmida, outras da mata seca; entre as últimas podemos apontar como as mais notáveis o pau Brasil coletado por PICKEL em Tapera (região do Capibaribe), e o pau santo (gênero *Zollernia*) representado por duas espécies das quais uma (*Z. paraensis*) é distribuída para o Norte até o Pará, a outra (*Z. ilicifolia*) para o Sul até o Rio.

A leguminosa arbórea mais frequente e mais característica, comum a ambas as subzonas da zona da mata, é a sucupira mirim, *Bowdichia virgilioides*, cuja copa florida dum lindo violáceo claro lembra as belas leguminosas amazônicas. O ornamental visgueiro (*Parkia pendula*) e o pau d'óleo (*Copaifera nitida*) limitam-se à mata primária da subzona continental; o pau ferro (*Dialium guianense*) ocorre na mesma subzona, na mata e na capoeira. O gênero *Inga* é bem representado em toda a zona da mata; na zona da catanga é restrito a serras úmidas.

Os arredores de João Pessoa pertencem à subzona marítima que aí se estende a longa distância rumo do centro. Mais para o Norte, a mata seca parece aproximar-se da costa: LAURO XAVIER informa que no município de Mamanguape o pau Brasil é frequente. No mesmo município, coletou o material botânico da voquisiácea *Gallisthene fasciculata*, nunca vista em Pernambuco. Na rodovia Recife-JoãoPessoa, os últimos restos da mata pluvial caracterizada pela presença do vistoso visgueiro são encontrados pouco aquém do limite dos dois Estados.

A zona da catinga divide-se segundo VASCONCELOS em duas subzonas, Agreste e Sertão, e sua flora é-nos conhecida pelas coleções feitas nas partes limítrofes da Bahia, do Piauí e do Ceará, por botânicos entre os quais se destaca GARDNER. A subzona do Agreste é, segundo o mesmo autor, a dos cereais; o Sertão, a do algodão. Não possuo dados sobre as espécies da flora espontânea que as caracterizam na parte que pertencem a Pernambuco, mas penso que não haverá diferenças essenciais em relação à flora sertaneja dos estados vizinhos. Há, na zona da catinga, de Pernambuco, regiões de pouca altitude e de clima quente e sêco (vale do São Francisco, bastante explorado na Bahia); outras, altas até 1 000 metros, com clima temperado e úmido (Garanhuns, Serra Negra); outras, ainda, igualmente altas e temperadas porém sêcas (Triunfo, por exemplo). Quanto à flora das últimas, nada sabemos. Da flora das terras altas e úmidas temos algum conhecimento por coleções na Serra Negra (DÁRDANO A. LIMA) e uma excursão do autor a Garanhuns; aí existem espécies de *Inga*, e abunda a maçaranduba *Manilkara rufula*, largamente dispersa pelo Nordeste (Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia) mas restrita a altitudes de 600 m. para cima. A flora das terras quentes e sêcas da zona da catinga é-me conhecida pelo muito que já se publicou sobre ela em outros estados nordestinos e pelo que vi no Ceará; é caracterizada pela abundância de euforbiáceas e malváceas e, em certos trechos, de cactáceas, e pelo grande número de espécies e sobretudo indivíduos de leguminosas arbóreas e arbustivas dos gêneros *Mimosa* e *Cassia*. Em contraste com a zona da mata, a da catinga contém numerosas espécies cuja área geográfica não se estende rumo Sul ou Norte como freqüentemente sucede com as daquela, mas atravessa o centro do continente para Sudoeste alcançando em muitos casos o Paraguai e o Noroeste da Argentina (*Prosopis ruscifolia*, *Torresea cearensis*, e muitas outras). A catinga do Nordeste floresce no inverno, principalmente no fim das chuvas (março, em Pernambuco).

LITERATURA PRINCIPAL

- ANDRADE LIMA, DÁRDANO: Catálogo do herbário da Escola Superior de Agricultura de Tapera (Pernambuco).
- AMSHOFF, G. J. H.: *On South American Papilionaceae*, Utrecht (1939); *Papilionaceae* em Pulle, Flora of Surinam (1939).
- BENTHAM: *Leguminosae* em Martius, Flora Brasiliensis XV, com as revisões posteriores de *Cassia*, das *Mimosoideas* e das *Dalbergieas*.
- BURKART, A.: Las Leguminosas argentinas, silvestres y cultivadas. II.^a edição. Buenos Aires (1952).
- DUCKE, A.: As Leguminosas da Amazônia Brasileira 2.^a ed. Bol. Técn. Instituto Agrônômico do Norte, Belém (1949).
- HOEHNE, F. C.: Flora Brasílica, *Leguminosae*, São Paulo (1940-41); *Meibomia*, anexos Mem. Instituto Butantan Sec. Bot. I (1921).
- MACBRIDE, J. FRANCIS: Flora of Peru, *Leguminosae*.

RECORD, SAMUEL J. and HESS, ROBERT W.: *Timbers of the New World*. New Haven (1943).

SANDWITH, N. Y.: *Trabalhos sobre a flora da Guiana britânica, em números sucessivos do Kew Bulletin*.

TAUBERT: *Leguminosae* em Engler-Prantl, *Naturl. Pflanzenfamilien*.

VASCONCELOS SOBRINHO: *As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização*. Rio e São Paulo (1949).

A família das Leguminosas é uma das mais naturais do sistema botânico, não podendo ser subdivida senão em grupos de gêneros, chamados subfamílias porém ligados entre si por múltiplas formas de transição; estou nisso de acôrdo com BURKART, HOEHNE, KUHLMANN, MACBRIDE, RECORD, SANDWITH, STANDLEY. Quanto aos gêneros e espécies, uso de preferência os de BENTHAM em "Flora Brasiliensis", com algumas modificações, impostas por estudos posteriores e aceitas pela maioria dos autores modernos. O sistema de BRITTON e ROSE servirá para catalogar a flora da América do Norte, isolada, mas é impróprio para a da América do Sul e do resto do mundo. As espécies aqui descritas como novas foram estudadas não só em material de herbário mas também vistas e examinadas em estado vivo.

Os nomes dos coletores de espécimes aqui citados estão abreviados da maneira seguinte: A.L. = ANDRADE LIMA (DÁRDANO DE ANDRADE LIMA). D. = DUCKE. L.X. = LAURO XAVIER. M. = MAGALHÃES (GERALDO MENDES MAGALHÃES). P. = DOM BENTO PICKEL. V.S. = VASCONCELOS SOBRINHO.

Subfam. LEGUMINOSAE MIMOSOIDEAE

Subfamília pantropical e ainda abundante nos subtrópicos do hemisfério austral e parte adjacente da zona temperada. Rica de espécies no Nordeste brasileiro, onde, nas catingas sertanejas, algumas ocorrem em tal número de indivíduos que no fim da estação chuvosa suas flores, na maioria bem alvas, se tornam características na paisagem.

INGA Willd., "ingá". — Um dos mais naturais entre os gêneros grandes das leguminosas, bem caracterizado pela massa branca, fibrosa e polposa que reveste a testa membranosa das sementes. Restrito à América tropical inclusive as Antilhas e a zona subtropical meridional, com mais de 250 espécies descritas. O centro maior da dispersão está na hiléia (89 espécies registradas para a Amazônia brasileira, em 1949); ricas em espécies são ainda as matas pluviais tropicais e subtropicais dos Andes, da América Central e do Sueste brasileiro. As poucas espécies nordestinas são árvores pequenas, restritas às regiões de mata; a polpa das sementes de tôdas é doce e comestível.

I. AFFINIS DC. — "Província Pernambuco", Gardner 985 (*Flora Brasiliensis*). Espécie comum no Sul subtropical mas cuja presença em Pernambuco é improvável.

I. BAHIENSIS Bth. — É esta a espécie mais comum de ingá, nos arredores de Recife e João Pessoa e, ao que parece, em toda a zona da mata inclusive o litoral, de preferência em lugares úmidos ou pantanosos ou perto d'água. No herbário PICKEL encontrei espécies classificadas como *bahiensis* (P. 2 856, determ. KILLIP), *spuria* H.B.K. (P. 2 922, det. KILLIP), *edulis* Mart. (P. 888, det. PILGER) e *ingoides* (RICH.) Willd. (P. 1.246, det. PILGER), porém todos pertencem a uma só espécie cujo nome com muita probabilidade será *bahiensis*. Pelo exame de abundante material pude verificar forte variabilidade na largura das asas do raquis foliar, no comprimento do pedicelo das flores, e na forma dos frutos; estes, quando novos, são cilíndricos como os de *ingoides* e *edulis* de todas as idades, ficando depois mais ou menos tetrágonos, com duas faces abertas lembrando *affinis* e *spuria*. A descrição de *I. bahiensis* baseia-se em material incompleto e mal conservado; vi uma fotografia do tipo, distribuída pelo Field Museum. — Bahia (Fl. Bras.); freqüentemente cultivada em S. Paulo e nas serras do Ceará, para sombreamento de cafezais.

I. BLANCHETIANA Bth. — Não rara nas capoeiras das terras altas dos arredores de Recife. Paraíba: Cachoeira Guarabira (L.X.) — Bahia.

I. CAPITATA Desv. var. *tenuior* Bth. — Freqüente nas terras altas perto de Recife, na submata e em capoeiras; também em Tapera (P.). Difere da *capitata* típica de tal forma que talvez seja preferível considerá-la espécie própria. — Rio de Janeiro, freqüente.

I. CILIATA Presl. (com dúvida). — “Ad Pernambuco” (Fl. Brasil). Os espécimes do herbário PICKEL, procedentes de Tapera (P. 1 173 e 3 387, det. PILGER), divergem da descrição em Fl. Bras. pelas folhas pilosas em cima e as glândulas longamente estipitadas; plantas idênticas foram coletadas na Serra de Baturité, Ceará (HUBER, DUCKE). — Bahia e Rio, nos morros.

I. FAGIFOLIA (L.) Willd., “ingá-mirim” (Pernambuco); “ingai” (Ceará). — Comum nos arredores de Recife e João Pessoa e provavelmente em toda a zona da mata, em margens de rios e riachos. Largamente distribuída na América do Sul tropical, mas ainda não observada no Amazonas; várias formas encontram-se em cultura.

I. FLAGELLIFORMIS (Vell.) Mart. — Pernambuco: Pombos (P. 1 855 e 2 870). — Rio, Minas, Pará.

I. MARGINATA Willd. — Paraíba: mata baixa entre João Pessoa e Cabedelo (L.X.); Pernambuco (segundo A.L.). — América meridional tropical (inclusive Panamá) e subtropical. Certas formas encontradas no Sul do Brasil aproximam-se de *I. fagifolia*.

I. NUDA Salzm. ex Bath. (difere ligeiramente da descrição em Fl. Bras.). — Pernambuco: Tapera (P. 1 199), São Vicente (P. 1 645), Glória de Goitá (P. 4 045). — Bahia.

I. STIPULARIS DC.? — Um espécime coletado em Paulista perto de Recife (A.L. 52-1 002) corresponde bastante à descrição na Fl. Bras. — Pará e Amazonas (vulgar); Guiana.

I. SUBNUDA Salzm. ex-Bth. — Pernambuco: Serra Negra (1 000 m.), A.L. 51-942, florífera e com frutos. Corresponde muito bem à descrição em Fl. Brasil e à fotografia do tipo (Field Museum). — Bahia.

I. THIBAUDIANA DC. — Freqüente em capoeiras nas terras altas ao redor de Recife. — América do Sul tropical.

PITHECOLOBIUM Mart. (alguns escrevem *Pithecellobium*). — Este gênero pantropical não é natural, porém mais vale conservá-lo (por enquanto) tal qual está na Fl. Bras. (e nos trabalhos recentes de MACBRIDE, SANDWICH e STANDLEY) do que subdividi-lo em gêneros ainda mais artificiais como fizeram BRITTON e ROSE. Um sistema verdadeiramente natural deste complexo só poderá ser estabelecido quando estiverem conhecidos os frutos da maioria das espécies, cujo centro maior de dispersão é a Amazônia. O número das espécies descritas vai além de 200.

P. AVAREMOTEMO Mart. (Secção *Abaremotemon* Bth.), “barbatimão” (A.L.). — “In mediterraneis Prov. Pernambuco” (Fl. Bras.). Recife, Goiana, João Pessoa, mata e capoeira de terra alta; árvores bastante grandes ocorrem em mata primária. — Rio, Bahia, Ceará.

P. CAULIFLORUM (Willd.) Bth. (secção *Caulanthos*). — Árvore pequena com bonitas flores róseas, freqüente em margens de riachos e lagoas. Recife, Tapera, João Pessoa. — Das Guianas e do Perú até a zona subtropical do Sul, brasileira e argentina.

P. DIVERSIFOLIUM Bth. (secção *Unguis cati* Bth.), “carcarazeiro” (A.L.). — Árvore pequena da catinga sêca do sertão: Pernambuco, encosta da Serra Negra (A.L. 50/727); Paraíba: Tabaiana (P. 1 419). — Bahia, Minas, Piauí.

P. FILAMENTOSUM Bth. (secção *Abaremotemon* Bth.). — Árvore pequena ou arbusto, freqüente no litoral de Pernambuco e da Paraíba (Recife, Goiana, João Pessoa, etc.), em restingas arenosas e tabuleiros. — Bahia.

P. FOLIOLOSUM Bth. = *P. acacioides* Ducke (secção *Chloroleucon* Bth.), “jurema branca” (P.) ou “arapiraca” (A.L.). — “Ad ripas fluminis Capibamba (1), Pernambuco”, Gardner (Fl. Bras.). Árvore baixa, de larga copa umbeliforme quando em lugar aberto, lembrando o aspecto de certas *Acacia* africanas. Pernambuco e Paraíba, freqüente no litoral (Recife, João Pessoa, etc.) e no Sertão, mas rara na zona da mata (aqui só em lugares secos). — Do Pará até o Nordeste do Brasil. — *P. acacioides* é sinônimo da presente espécie, à qual pertence ainda Spruce 822, de Santarém (Pará), atribuído por BENTHAM ao *P. parvifolium* Bth. da parte Norte dos trópicos americanos.

P. MULTIFLORUM (H.B.K.) Bth. (secção *Samanea* série *Parviflorae* Bth.), “canafistula” (nome mais freqüentemente dado a algumas espécies de *Cassia*). — Árvore pequena ou mediana do sertão, freqüente em lugares inundáveis pelas cheias do inverno; as folhas persistem no verão em estado sêco e são apreciadas pelo gado. Pernambuco: Petro-

(1): O “Capibamba” é evidentemente o Capibaribe.

lândia (A.L. 52-1 030); Paraíba: Patos e outros lugares do sertão (L. X.). — América tropical e subtropical meridional, mas não em toda parte.

Burkart o.c.p. 108 usa para esta planta o binômio *Arthrosamanea polyantha* (Spreng) Benth. Não tenho elementos para discutir a prioridade do nome da espécie, mas certo estou de que se trata de uma espécie isolada, sem maiores afinidades com a série *Subarticulatae* Benth., transformada por BRITTON e ROSE no seu “gênero” *Arthrosamanea*. O legume de *P. multiflorum* assemelha-se ao de *Plathymenia*. Menor afinidade ainda tem ela com as outras espécies incluídas por BENTHAM na mesma série *Parviflorae* (*niopoides* e *polycephalum*).

P. PEDICELLARE (DC.) Bth. (secção *Samanea* série *Carnosae* Bth.), “jaguarana”. — Árvore freqüente em tôdas as matas dos arredores altos de Recife e que em mata primária alcança porte elevado. O legume é lenhoso (não carnosos!), bivalvado, com deiscência tardia e lenta. — Da hiléia até o Rio de Janeiro.

P. POLYCEPHALUM Bth. (secção *Samaneae* série *Parviflorae* Bth.), “camunzé”, “canzenzé” ou “camondongo” (P., A.L., L.X.). — Árvore pequena ou mediana, comum em muitos lugares no Nordeste porém até agora não observada nos arredores do Recife. Pernambuco: Tapeira e Caruaru (P.), Serra Negra (A.L. e M.); Paraíba: João Pessoa, mata (L.X.). — Largamente distribuída pela América do Sul tropical; na Amazônia, só encontrado no Território do Acre.

Esta espécie deverá ser incluída no gênero *Albizzia* Durazz., se êste fôr conservado; seu nome será então *Albizzia polycephala* (Bth.) KILLIP. Não disponho de material botânico suficiente e de várias origens, nem de literatura, e, na minha qualidade de botânico de campo, ainda menos de tempo para estudar a fundo o problema da subdivisão do gênero artificial *Pithecolobium*. Por êstes motivos acompanho a orientação de MACBRIDE em “Flora of Peru” 13:48 (1913).

P. SAMAN (Jacqu.) VAR. *ACUTIFOLIUM* Bth. (secção *Samaneae* série *Carnosae* (Bth.), “bordão de velho”. — Árvore baixa ou bastante alta; tronco com espessa casca suberosa; frutos indeiscentes, carnosos, com cheiro agradável e sabor adocicado, muito procurados pelo gado. Pernambuco: litoral de Recife e Olinda, em indivíduos isolados; Paraíba: Guarabira (L.X.). — Pará, Maranhão, Ceará; Perú?

Esta planta difere do típico *saman*, da zona atlântica de Colômbia e Venezuela, em vários caracteres das fôlhas e dos frutos; por não conhecer aquêle a não ser num exemplar cultivado, julgo conveniente deixar o assunto para ser resolvido por algum botânico familiarizado com a flora do Norte da América do Sul. O exemplar mencionado acha-se no horto do Museu Paraense EMILIO GOELDI e foi obtido de uma semente vinda de Barbados; é uma árvore muito grande, de casca simplesmente rugosa, não suberosa.

P. saman é o tipo do gênero *Samanea* Merrill que corresponde à série *Carnosae* Bth. com exclusão do *P. pedicellare* cujo legume é lenhoso e deiscente. Próxima de *saman var. acutifolium* e talvez uma

mera forma do mesmo é *Pithecolobium inopinatum* (Harms) Ducke = *Serianthes inopinata* Harms, Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 11:55 (1930); distingue-se apenas pelo porte muito grande e o fruto maior, sobretudo muito mais grosso. Vi árvores espontâneas no Sul de Minas; vários exemplares são cultivados no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com o nome vernáculo de “corticeira” (°).

ENTEROLOBIUM Mart. — Difere de *Pithecolobium* unicamente pelo fruto, mas é por todos os autores conservado como gênero, o que, segundo MACBRIDE o.c. pag. 64, é escassamente justificável quando se aceita *Pithecolobium* no sentido de BENTHAM. As poucas (6 a 8) espécies habitam a América tropical.

E. CONTORTISILICUM (Vell.) Morong = *E. timbouva* Mart., “timbaúba”, “tambor” ou “tamboril”. — Árvore de tronco grosso e copa larga, dispersa pelo Estado de Pernambuco em lugares úmidos (A.L.). — Do Pará e Amapá até Rio Grande do Sul e Argentina.

E. ELLIPTICUM Bth. — “Serra de Mato Grosso, prov. Pernambuco”, GARDNER 2 834 (Fl. Bras.). Não conheço êsse lugar. — Maranhão (Grajaú), Bahia, Minas, Goiás e São Paulo.

CALLIANDRA Bth. — Numerosas espécies (cêrca de 160 descritas) na América tropical e subtropical, poucas nos trópicos africanos e asiáticos; muitas no Brasil Central. Tôdas são arbustos ou árvores abaixo da estatura mediana; a maioria tem flores vistosas (róseo-purpúreas) e algumas são cultivadas em jardins. O gênero é um dos mais homogêneos entre as Mimosoideas.

C. ABBREVIATA Bth. — “Rio Prêto prope Santa Rosa, Pernambuco”, GARDNER 2 835 (Fl. Bras.). Não conheço a planta nem a localidade. — Também citada para o Piauí.

C. BLANCHETII Bth. — Pernambuco: Russinha (P. 3 212) e Floresta, Airí (A.L. 49-180), na catinga. — Bahia.

C. BRACTEOSA Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 3 726 e 3 758), à beira do rio. — Minas.

C. AFF. PECKOLTI Bth. — Arbusto pequeno, ornamental quando em flor, comum em restingas arenosas e tabuleiros dos arredores de Recife (D. e A.L. 62 e 91), Goiana (A.L. 50-754) e João Pessoa (D. 2 287). Corresponde na maioria dos caracteres à descrição da *C. Peckolti* (incompleta: falta o fruto), porém devemos hesitar em identificar a planta do litoral do Nordeste com uma espécie só conhecida da região serrana do Estado do Rio (Cantagalo), sem ao menos ter visto o tipo ou uma fotografia do mesmo.

P. PORTORICENSIS (Jacqu.) Bth. — Arbusto ou arbúsculo de flores modestas (estames brancos). Em Pernambuco, coletado em Tapera (P.); visto nos arredores de Recife. — Disperso pela América tropical,

(°) Dêstes se coletou o material típico de *Serianthes inopinata*. HARMS comparou-o com o acima referido *P. saman* do Museu Paraense; se o tivesse comparado com o *P. s. var. acutifolium*, logo se teria apercebido da estreita afinidade com êste.

desde o México até a Bolívia e o Nordeste brasileiro mas em muitos lugares aparentemente apenas subespontâneo.

C. UMBELLIFERA Bth. — Arbustinho de flores esverdeadas. Pernambuco: Serra Araripe, A.L. e M. 52-1 090. Vi a espécie no Crato, Ceará, sua localidade típica. — Piauí e Sul do Maranhão.

C. VIRGATA Bth. — “Pernambuco” (sem localidade), MARTIUS (Fl. Bras.). Não conheço a espécie. — Minas, Goiás.

ACACIA Willd. — É este o gênero maior das Mimosoideas (500 ou mais espécies, porém a maioria das mesmas habita África e Austrália e relativamente poucas a América, onde sua área geográfica abrange a zona tropical e parte da zona temperada do Sul (até o centro da Argentina). O gênero é pouco natural, porém menos heterogêneo que *Pithecolobium*; os gêneros menores em que o subdividiram BRITTON e ROSE foram rejeitados pelos principais estudiosos da flora da América tropical (BURKART, MACBRIDE, SANDWICH, STANDLEY).

A. BAHIENSIS Bth. — Pernambuco: Garanhuns (P. 2 183), Taquaritinga (P. 1 456), Serra Negra (A.L. 51-948). Paraíba: catinga litorânea (L.X.). — Bahia.

A. FARNESIANA (L.) Willd., “coronha” ou “esponja”. — “Prov. Pernambuco, *sat frequens*” (Fl. Bras.). Comum em todo o Nordeste onde é pelo menos subespontânea; sabe-se que é originária da América tropical, mas não se sabe qual parte. Cultivada em muitos países tropicais e alguns temperados; larga escala, na parte mediterrânea da França, para extração do perfume das flores (“cassie” ou “fleur de cassie”, segundo BURKART o.c.).

A. GLOMEROSA Bth., “espinheiro” (como várias outras mimosoideas). — Árvore pequena, freqüente ao longo de estradas nas terras altas de Recife e espalhada pelo interior de Pernambuco e Paraíba. — América tropical; ausente da Amazônia.

A. PANICULATA Willd. — Arbusto escandente. Pernambuco: Tapera (P. 2 135 e 3 001, “*A riparia* H.B.K.” det. STANDLEY); Paraíba: Alagoinha (L.X.). — América tropical e Antilhas; falta na Amazônia, exceto o Território do Rio Branco.

A. SP. ? — Árvore pequena. Pernambuco (sertão): Bom Nome, A.L. e M. 52-1 049.

SCHRANCKIA Willd. — Gênero composto de cerca de 15 espécies; distingue-se de *Mimosa* somente pelo fruto. América tropical e subtropical; uma das espécies também na África.

SCH. LEPTOCARPA DC., “malícia”. — Cipózinho subarbuscivo rasteiro, comum ao longo de caminhos em Pernambuco e Paraíba, principalmente nos arredores de habitações. — América tropical e Antilhas; citada também para a África ocidental.

MIMOSA L. — Este gênero bem natural é o segundo das Mimosoideas, quanto ao número das espécies (cerca de 400 segundo BURKART); é pantropical (e subtropical) como Acacia, porém predominantemente americano. O centro maior acha-se nas regiões altas e secas do Brasil Central (Goiás e Minas); um outro, menor, na América Central.

M. BARBIGERA Bth. ? — Subarbusto pequeno, freqüente em tabuleiros arenosos nos arredores de Goiana, Pernambuco (P. 3 923) det. STANDLEY; D. e A.L. 109). A classificação da espécie carece de confirmação. — Goiás.

M. BORBOREMAE Harms. — Pernambuco: Garanhuns (P. 2 171); Paraíba: Campina Grande (P. 3 885). Êstes espécimes correspondem perfeitamente à descrição do tipo (Paraíba: Serra Borborema, Jardim Parelhas, Luetzelburg 12 455). As localidades indicam que a espécie habita altitudes subtropicais.

M. CAESALPINIAEFOLIA Bth., “sabiá”. — Arbusto trepador robusto. Pernambuco: Olinda (P. 921). — Maranhão (comum nos arredores de São Luís), Piauí, Ceará.

M. CYLINDRACEA Bth. — Pernambuco. Tapera, em capoeira (P. 1 065, det. PILGER); Buique (V.S., I.P.A. 770). — Bahia e Minas.

M. INVISA Mart., “malícia”. — Semiarbusto pequeno, mais ou menos trepador ou rasteiro, freqüente em margens de caminhos na zona da mata de Pernambuco e Paraíba. — América tropical e Antilhas.

M. MALACOCENTRA Mart., “jurema” (uma das várias espécies) ou “avoador” (P.). — Arbusto ereto. Pernambuco, mata sêca e catin-ga (Tapera, Gravatá, Caruaru, Exu, Surubim). — Ceará, Bahia, Minas, Estado do Rio.

M. PIGRA L. (mais conhecida por *asperata* L.), “calumbí” (com outras espécies). — Arbusto de 1 a 2 m., de ramos compridos; comum em beiras de riachos e em praias baixas, nos arredores de Recife e João Pessoa. — América do Sul tropical e temperada, e África tropical.

M. POLYCEPHALA Bth. — “Rio Prêto *prope* Santa Rita, Pernambuco”, GARDNER (Fl. Bras.). Não conheço a espécie nem a localidade.

M. POLYDACTYLA H.B.K. — “Pernambuco”, GARDNER (Fl. Bras.). Subarbus-tinho ereto, de capoeira e margens de caminhos, principalmente perto de habitações, comum nos arredores de Recife e João Pessoa e espalhado no interior de ambos os estados. — América do Sul tropical, para o Sul até Bahia e Minas.

M. AFF. PTERIDIFOLIA Bth. (talvez espécie nova), “jurema”. — Árvore pequena de copa larga. Piauí, nas proximidades do limite de Pernambuco: Paulistana (A.L. e M., 52-1 068); Paraíba: Seridó e parte do sertão; chega a cobrir largas extensões em associação pura (L.X.). — *A pteridifolia* está citada para Goiás e Bahia.

M. PUNGENTISSIMA n. sp. — Arbusto trepador, fortemente armado; dá na vista quando com fôlhas novas, côr de rosa. Recife, freqüente na mata das terras altas (Estradas da Aldeia, e Brejo de Macacos).

M. SENSITIVA L., “malícia” (no Ceará: “malícia de mulher”). — Arbusto escandente de caules compridos, freqüente em capoeiras nos arredores de Recife, Tapera (P.) e João Pessoa, de preferência nas proximidades de lugares habitados. — Da hiléia até São Paulo.

M. SEPIARIA Bth., “espinho de Maricá”. — “Prov. Pernambuco” (Fl. Bras.). Arbusto grande de ramos compridos, comum em lugares

pantanosos dos arredores de Recife e João Pessoa (onde serve frequentemente para cercas) e ao que parece em tôda a zona da mata. — Bahia, Minas, Rio.

M. SERICANTHA Bth. — “Santa Rita *et* Serra Batalha prov. Pernambuco”, GARDNER (Fl. Bras.). Não conheço a espécie, nem as localidades. — Minas.

M. SOMNIANS H.B.K., “malícia”. — Subarbusto ereto ou semiereto. Pernambuco: Tapera e Olinda (P.). — Da América Central ao Norte da Argentina.

M. VERRUCOSA Bth. — Arbusto com lindas flores róseas. Pernambuco: Petrolândia (A.L. 50-537) e Araripe (A.L. e M. 52-1 139). — Maranhão, Piauí e Bahia.

DESMANTHUS Willd. — Pequeno gênero americano que se estende desde o Sul dos Estados Unidos até a Argentina; ausente da Amazônia. O número de espécies varia de 10 a 26, conforme os autores .

D. VIRGATUS (L.) WILLD. — “Pernambuco, frequens” (Fl. Bras.). Frequente no Estado, em lugares úmidos (A.L.). — América tropical e subtropical.

NEPTUNIA LOUR. — Gênero pantropical que na América se estende ainda às zonas temperadas e do Sul, com 10 a 12 espécies descritas. Ervas e subarbustos com flores amarelas.

N. PLENA (L.) BENTH. — Pernambuco: Tapera, várzea (P. 671, “*N. oleracea* Lour.” det. HOEHNE). — Dispersa pela América tropical.

PROSOPIS L. — “Cêrca de 40 espécies, disseminadas na Ásia ocidental, África e América, sendo abundantes nas regiões ocidentais do nosso continente, desde o Sudoeste dos Estados Unidos à Patagônia. A Argentina central e ocidental deve considerar-se o centro do polimorfismo do grupo. A maioria das espécies desempenha um papel importante na vegetação, e, principalmente, os chamados “algarrobos”, um papel notável na economia das províncias do interior”. Traduzido do espanhol de BURKART, o.c. pág. 127. — Tôdas as espécies dêste gênero são árvores de pouca altura e copa larga, tipicamente xerófilas.

P. RUSCIFOLIA GRISEB. — Árvore baixa mas de copa muito larga, notável pelos enormes espinhos cujo comprimento pode ir até 30 cm. Frequente no Chaco argentino e paraguaio; no Brasil, só se conhece um único exemplar, encontrado no interior sêco do Nordeste (Pernambuco: Cachoeira do Roberto, Luetzellburg 49, material estéril; A.L. e M. 52-1 060, material florífero e frutífero). Esta árvore é bem conhecida dos habitantes do lugar que lhe dão o nome “juncumarim” (A.L.); primeiros a trazer dela notícias foram os médicos ARTHUR NEIVA e BELISÁRIO PENNA (Viagem científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí, e de Norte a Sul de Goiás, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, tomo 8, fasc. 3, p. 187 e 188); mais tarde, LUETZELBURG coletou ramos estéreis cuja identificação ficou sujeita à dúvida. A recente aquisição de material completo, pelos botânicos a serviço do Conselho Nacional de Pesquisas, confirmou a identificação.

STRYPHODENDRON MART. — Gênero relativamente pequeno, próprio da América tropical. As 14 espécies descritas necessitam de uma revisão.

S. PULCHERRIMUM (WILLD.) Hochreuter, “favinha” (A.L.). — Árvore pequena ou mediana da mata seca das terras altas de Recife, Goiana e João Pessoa. — Da hiléia até o Rio de Janeiro.

PIPTADENIA BTH. — Gênero pantropical, principalmente americano, que inclui cipós possantes e árvores de máximo porte. O centro principal parece estar na parte Sul de sua área geográfica. O número das espécies é avaliado entre 40 e 80, conforme os autores (em cerca de 50, por BURKART).

P. BIUNCIFERA BTH., “jiquirí”, “juquiá” ou “jucurutu” (A.L.); no Ceará: “surucucu”. — Árvore pequena, fortemente armada, que floresce no tempo da seca. Pernambuco: Sertão e sopé da Serra Negra (A.L.); Russinha (P.); Surubim (L.X.). — Piauí, Ceará, Bahia.

P. MACROCARPA BTH., “angico”. — Árvore pequena ou mediana que fornece boa madeira e casca para curtume. Pernambuco e Paraíba, mata seca e catinga em tôdas as zonas dos dois Estados; rara nos arredores de Recife. No herbário PICKEL encontrei-a com os nomes *macrocarpa* (Tapera, P. 675, det. HOEHNE), *peregrina* (Tapera, P. 982 det. PILGER e P. 3 133 det. STANDLEY; Russinha, P. 3 184 det. KILLIP), e *colubrina* (Tapera, P. 2 292 det. KILLIP). — Brasil Central e Nordeste, e Noroeste da Argentina.

P. macrocarpa diverge da *P. peregrina* BTH. unicamente pela presença de uma glândula (cedo caduca!) nas anteras da primeira; os frutos variam na sua forma, e seus caracteres não permitem distinguir as espécies com segurança. Resta ainda verificar o valor da presença ou ausência daquela glândula, como caráter diferencial. — Melhor caracterizada, como espécie, é *P. colubrina* VELL. BTH., do Sul tropical, que tem outra forma de inflorescência.

P. MONILIFORNIS BTH., “quipembé” (Pernambuco, A.L.), “carrasco” (Paraíba, L.X.), “catanduva” (principalmente no Ceará). — Árvore pequena. Pernambuco: encosta da Serra Negra (A.L. 49-167); Paraíba: catinga litorânea (L.X.). — Sul do Maranhão e Piauí até Bahia.

P. STIPULACEA (BTH.) DUCKE, = *P. communis* var. *stipulacea* BTH. — “Prov. Pernambuco”, GARDNER 978 (Fl. Bras.). Pernambuco: Caruaru (P. 1940). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (M.). — Do Piauí até a Bahia.

P. ZEHNTNERI HARMS, “angico monjolo” (A.L.). — Árvore pequena ou escassamente mediana. Pernambuco: Petrolina (A.L. e M. 52-1 059); encosta da Serra Negra (A.L. 50-728 e 51-923). — Bahia (Zehntner).

P. TRISPERMA (VELL.) BTH., var. — “Prov. Pernambuco ad Varedas inter Melancia et Terra Nova” (Fl. Bras.). — Forma típica da espécie: Rio e Bahia (Fl. Bras.).

P. sp. (não corresponde a espécies descritas na Fl. Bras.). — Arbusto aculeado. Pernambuco: Inajá (A.L. e M. 52-1 161) e Surubim (L.X.); Paraíba: Campina Grande (L.X.).

PLATHYMENIA BTH. — Gênero provavelmente monotípico cuja área se estende desde o Estado do Pará ao de São Paulo, e ainda ao Paraguai e o Território Misiones (Argentina).

P. RETICULATA BTH., = *P. foliolosa* BTH e provavelmente também *P. modesta* (Speg.) Burk., “amarelo” (em Pernambuco); no Sul, conhecida por “vinhático”; na Amazônia por “pau de candeia” (Marajó), “oiteira” (Monte Alegre), ou “paricazinho” (Macapá). — Árvore de porte grande quando em mata primária, porém pequena nas regiões de “cerrado” (Brasil Central) ou “campo alto” (Amazônia). Pernambuco (hoje, pouco freqüente); mata da Usina Mussurepe a cêrca de 30 quilômetros de Recife (D. 2 298); Araripe, A.L. e M. 52-1 104. — Do Estado do Pará até Minas e São Paulo, mas não em tôda parte.

PARKIA P. BR. — Árvores grandes, medianas ou pequenas, quase tôdas ornamentais, distribuídas sôbre os trópicos dos dois hemisférios em mais de 30 espécies; 20 são americanas, e 19 destas ocorrem na hiléia amazônica, sendo 17 limitadas à mesma.

P. PENDULA BTH., “visgueiro”. — Uma das árvores de maior porte e sem dúvida a mais ornamental e a mais característica, da mata de Pernambuco (³); de aspecto inconfundível pela sua copa verde escuro, larguíssima, em forma de chapéu de sol muito plano sob o qual pendem como fios compridos os numerosos pedúnculos; flores em capítulos vermelho escuro. Freqüente nos remanescentes da mata primária das terras altas dos arredores de Recife, a partir dos morros de Dois Irmãos; vai para o Norte até além de Goiana, mas não passa o limite da Paraíba; no Sul de Pernambuco vi-a em Amaragí e vários pontos ao longo da estrada de ferro. Todos os informantes referem-se ao visgueiro nas matas de Alagoas, e, segundo alguns, o mesmo ocorreria também no Sul da Bahia (falta saber se a espécie botânica é a mesma). — *P. pendula* é comum na hiléia amazônica, principalmente no Pará; falta desde São Luís do Maranhão até inclusive a Paraíba, para reaparecer em Pernambuco (o mesmo sucede com *Coumarouna odorata*).

P. PLATYCEPHALA BTH., “visgueiro”. — Árvore de altura quando muito mediana; pedúnculos mais curtos que na precedente; capítulos purpúreos; o aspecto da árvore é o de uma *P. pendula* em ponto menor. Em Pernambuco, até agora só observada na chapada de Araripe (A. L. e M. 52-1 101). — Sul do Maranhão, Piauí e Ceará, Norte da Bahia e médio Rio Tocantins paraense.

(³): É estranhável que uma árvore florestal tão característica e tão freqüente em Pernambuco não tenha sido citada em nenhum trabalho sôbre este Estado; não se encontram espécimes no herbário Pickel, nem quaisquer referências na Flora Brasiliensis de Martius que cita a espécie sômente para a Amazônia.

Subfam. LEGUMINOSAE CAESALPINIOIDEAE

Esta subfamília, cujo elevado número de gêneros é um dos caracteres mais típicos da flora amazônica, é pobremente representada no Nordeste brasileiro. Das espécies registradas para Pernambuco e Paraíba, quase a metade pertence ao gênero *Cassia*; os gêneros amazônicos notáveis pela beleza das flores faltam aqui por completo.

DIMORPHANDRA SCHOTT. — 24 espécies de árvores dos trópicos americanos, de variado porte, na maioria (secção *Pocillum* Tul. tôda) restritas à hiléia; uma só espécie é nordestina.

D. GARDNERIANA TUL., “faveira”. — Árvore pequena de cerrados. Pernambuco: freqüente na chapada da Serra Araripe (A.L. 49-165; A.L. e M. 52-1 107). — Maranhão (Sul), Ceará (Crato), Goiás, Bahia.

COPAIFERA L. — Árvores de porte variado, da América e África tropicais; as espécies brasileiras estão em parte mal estudadas, devido à falta de material completo nos herbários; mais de 40 espécies descritas. Tôdas podem fornecer bálsamo (ou óleo) de copaíba, mas o produto das do Nordeste só encontra emprêgo na medicina popular; seu nome regional é “pau d’óleo”.

C. LANGSDORFFII DESF. — Árvore baixa mas de copa larga (quando em lugar aberto); arilo da semente purpúreo. Pernambuco: chapada da Serra Araripe (A.L. 49-162, e 49-244; A.L. e M. 52-1 091). Cerrados e mata sêca pouco fechada, desde o Sul do Ceará até o Estado de São Paulo, Mato Grosso e o Território argentino de Misiones. As variedades descritas na Fl. Bras. são, ao menos em parte, espécies diferentes.

C. NITIDA HAYNE, = *C. Langsdorffii* var. *grandifolia* BTH. (?). — Uma das árvores maiores da mata primária das terras altas de Pernambuco, de tronco cilíndrico robusto e muito alto; freqüente nos arredores de Recife: Dois Irmãos (A.L. 50-741, flor.; D. 2 311, frut.), Gurjaú (D. e A.L. 89, flor.); vista em Mussurepe e Goiana. Nos espécimes pernambucanos, o arilo da semente é côr de laranja, nos do Rio de Janeiro é purpúreo; não vejo outras diferenças. *C. nitida* é árvore da mata pluvial, e de forma alguma pode ser considerada variedade de *Langsdorffii*; ela é no entanto próxima da *C. reticulata* DUCKE (da Amazônia), cujos frutos divergem pelo estipe bastante comprido e o arilo amarelo claro.

HYMENAEA L. — Árvores da América tropical, de porte variado, cêrca de 20 espécies descritas; conhecidas pela sua resina, a madeira dura e pesada, a polpa comestível dos frutos. O nome vernacular nordestino de tôdas as espécies é “jatobá”. O estudo dêste importante gênero é dificultado pela escassez de material florífero nos herbários (').

H. COURBARIL L. VAR. *OBTUSIFOLIA* DUCKE. — Frutos procedentes do sertão de Pernambuco (Serra Araripe, A.L.) correspondem aos des-

('): As flores das *Hymenaea* abrem à noite, e pétalas e estames caem na manhã seguinte. Não se dá o mesmo com as do vizinho gênero *Peltogyne* que se conservam abertas durante o dia.

ta variedade conhecida do sertão do Ceará e da Bahia. A espécie é variável e largamente distribuída (da América Central e Antilhas até o Nordeste do Brasil).

H. ERIOGYNE BTH. — Pernambuco: Araripe (A.L. e M. 52-1 094). Os espécimes são frutíferos somente, porém a forma das inflorescências indica a espécie presente. Os frutos diferem dos da vulgar *H. Martiana* pela superfície mate e de cor pardacenta bastante clara, devido à presença de numerosos lenticelos suberosos. — Bahia.

H. MARTIANA HAYNE. — Árvore grande; flores inteiramente brancas. Pernambuco: bastante freqüente em matas e capoeiras nos arredores altos de Recife (A.L.; P.) e Tapera (P.). Paraíba: zona da mata e do Brejo (L.X.). — Piauí, Goiás, Bahia, Minas; Paraguai.

H. RUBRIFLORA n. sp. — Árvore que mesmo na mata primária não passa de estatura escassamente mediana, florescendo freqüentemente em indivíduos pequenos, arbustivos, na capoeira. Distingue-se de todas as outras espécies deste gênero pelas flores inteiramente vermelhas no interior (só o lado externo das sépalas é pardo). Pernambuco: até agora só encontrada ao redor de Recife: lugar Dois Irmãos (A.L. 49-267 e 49-280), e estrada da Aldeia (D. e A.L. 99).

H. STIGONOCARPA MART. — Árvore baixa de cerrados e catingas. Pernambuco: Serra Araripe (A.L. 49-160). — Do interior do Nordeste e Brasil Central ao Nordeste de São Paulo e Paraguai.

H. n. sp. (frutos pequenos como em *H. parvifolia* HUBER (da Amazônia), mas folhas muito diferentes, flores ainda não conhecidas). — Recife, Gurjaú, mata das terras altas argilosas (D. e A.L. 70). Duas árvores vistas.

PELTOGYNE VOG. — Árvores de variado porte, distribuídas pela América do Sul tropical, como o centro na hileia; cerca de 20 espécies descritas. A maioria das espécies é notável pela cor do cerne da madeira, o qual, pardo claro ao ser cortado, vira rapidamente para um belo violáceo, claro ou escuro conforme as espécies botânicas. O nome popular pernambucano é barabu" ("guarabu" ou "roxinho" no Rio de Janeiro).

P. PAUCIFLORA BTH. — Árvore pequena da catinga; madeira purpúreo-violáceo saturado. Pernambuco: Inajá (A.L. 51-595). Corresponde perfeitamente à fotografia do tipo (coleção Field Museum), da Bahia. — *P. gracilipes* DUCKE, do Território do Rio Branco, tem folhas, flores, frutos e madeira semelhantes e não passa de sinônimo da espécie presente cuja área geográfica assim se evidencia como dupla, ao Sul e ao Norte do equador.

P. RECIFENSIS n. sp. — Árvore da mata pluvial de terras altas onde atinge porte elevado; não rara em capoeiras, florescendo às vezes em indivíduos escassamente medianos. Madeira como na espécie precedente. Recife; Estrada da Aldeia (D. e A.L. 12) e Dois Irmãos (A.L. 51-958).

BAUHINIA L. — Segundo gênero das Cesalpinioideas, pelo número das suas espécies distribuídas pelos trópicos dos dois hemisférios (cerca de 300 descritas). Abundantes em todo o Brasil tropical, com pre-

domínio das eretas no Centro e Nordeste, porém das escandentes na Amazônia onde algumas atingem dimensões enormes e constituem um elemento típico nas grandes florestas pluviais (“escada de jabotí”). O nome popular nordestino mais conhecido é “mororó”, o qual, em Pernambuco, é aplicável a tôdas as espécies dêste gênero; no Ceará refere-se às espécies eretas e inermes, enquanto as eretas e aculeadas são conhecidas por “unha de boi” (no Sul: “unha de vaca”) e as escandentes por “cipó escada”.

B. AÇURUANA MORIC. — Arbúsculo ereto. Pernambuco: Araripe (A.L. e M. 52-1 082) e Inajá (A.L. e M. 52-1 159). — Bahia, Piauí.

B. CHEILANTHA Steud. — Arbusto ereto da catinga e da mata sêca. Pernambuco: Tapera (P. 1 195); Araripe (A.L. e M. 52-1 087). — Piauí, Ceará e Mato Grosso.

B. HETERANDRA Bth. — Arbusto ereto. Pernambuco: — Jatinã, ilha (A.L. e M. 1 148). Paraíba: Patos (V.S., herb. I.A.P. 355). — Piauí, Ceará, Goiás e Bahia.

B. MEMBRANACEA Bth. — Arbúsculo pequeno da submata no lugar Gurjaú perto de Recife (D. e A.L. 107); também de Tapera (P. 221). O tipo de *B. membranacea* é de Goiás, “Serra de Santa Brida”, GARNER 3 695 (Fl. Bras.); será preciso compará-lo para identificação definitiva da nossa planta. No Instituto de Botânica de São Paulo há espécimes procedentes da Bahia e de Minas, identificados por HOEHNE.

B. PRUINOSA Vog. — Árvore aculeada de grandes flores alvíssimas, não rara na mata (inclusive capoeiras) das terras altas ao redor de Recife (Estrada da Aldeia, D. e A.L. 83). Corresponde à fotografia do tipo (col. Field Museum). — “*Brasilia meridionalis*, Sello” (Fl. Bras.).

B. RADDIANA Bong. — Cipó comprido, ornamental quando em flor. Pernambuco: Recife, Estrada da Aldeia, beira da mata (A.L. 52-1 013). — Rio de Janeiro, não rara nas matas do Distrito Federal.

B. RUBIGINOSA Bong. — Cipó grande; muito variável, e, ao que parece, descrito com diversos nomes. “Pernambuco”, GARDNER (Fl. Bras.); comum na zona da mata dêste Estado e da Paraíba, inclusive nos arredores de Recife e João Pessoa. — Hiléia, e Centro e Nordeste do Brasil.

B. SUBCLAVATA Bth. (com ligeira dúvida). — Arbusto ereto. Pernambuco: Arcoverde, heb. I.P.A. 4 178. Paraíba: Areia, Alagoa Grande e Cachoeira Guarabira (L.X.). — Piauí.

DIALIUM L. — Árvorees dos trópicos do Velho Mundo, com exceção de uma só espécie que é americana. Cêrca de 30 espécies descritas.

D. GUIANENSE (Aubl.) Sandw. (= *D. divaricatum* Vahl), “pau ferro” (Pernambuco e Paraíba). — Árvore comum da mata das terras altas de Recife e ao que parece de tôda a zona da mata dos dois Estados; de porte alto nas formações primárias; baixinha em capoeiras. — Da América Central até o Espírito Santo (Rio Doce).

APULEIA Mart. — Só duas espécies, árvores da América do Sul tropical e subtropical.

A. LEIOCARPA (Vog.) Macbr. (= *A. praecox* Mart.), “jutaí”. — Árvore em geral grande, mas pequena quando em lugar aberto. Pernambuco, mata (A.L. 62-983); També, tabuleiro (D. e A.L. 36). Paraíba: João Pessoa, mata (L.X.). — Do Nordeste e Centro do Brasil ao Nordeste da Argentina.

CASSIA L. — É este o gênero maior da subfamília, distribuído sobre os trópicos de ambos os hemisférios, e, na América, ainda representado nas zonas temperadas do Sul e do Norte. Mais de 500 espécies estão descritas. O centro maior da dispersão, no mundo, está situado no Brasil Central e sobretudo em Minas, sendo também o Nordeste seco bastante rico em espécies. Para Pernambuco já apuramos 34 espécies, número que excede de muito o de qualquer outro gênero de leguminosas e que crescerá quando estiver melhor estudada a flora do sertão deste Estado. As espécies nordestinas são, na grande maioria árvores pequenas, arbustos eretos ou ervas; poucas chegam ao porte de árvores medianas ou são arbustos escandentes. O gênero *Cassia* é perfeitamente natural, apesar da diversidade do *facies* das espécies, e as tentativas de subdividi-lo só têm favorecido a proliferação de “combinações novas”^(*). Os nomes populares de maior uso em Pernambuco e na Paraíba são os seguintes: “canafistula”, para *C. excelsa* (o mesmo nome é ainda dado a *Pithecolobium multiflorum*); “flor de besouro” ou “lavaprato”, para *C. Hoffmannseggii* e *C. pudibunda*; “São João”, para *C. bicapsularis* (mais usado no Ceará); “mangerioba” ou (no sertão “fedegoso”, para *C. occidentalis*; “mata pasto” ou “matapasto liso”, para *C. tora*; “matapasto cabeludo” para *C. sericea*; “candieiro preto”, para *C. cana*; “coração de negro”, para *C. apoucouita*.

C. AÇURUENCIS Bth. — Pernambuco: Najá (A.L. 51-953); Garanhuns (L.X.). — Bahia: Serra Açuruá.

C. ALATA L. — Arbusto ruderal em brejos e margens de riachos na zona da mata, comum sobretudo nos arredores de Recife e João Pessoa. — Cosmopolita tropical.

C. ANGULATA Vog. — Um espécime de Pernambuco, Inajá (herb. I. P. A. 1661), parece pertencer a esta espécie. — Rio, Minas, Mato Grosso.

C. APOUCOUITA Aubl. — “Pernambuco” (Fl. Bras.). Árvore com cerne escuro, pesado e duro; freqüente na mata e em tabuleiros, principalmente nos arredores de Recife e João Pessoa. — Da hiléia até o Rio de Janeiro.

C. APPENDICULATA Vog. — Árvore pequena, ornamental, freqüente nos tabuleiros arenosos dos arredores de Goiana (P. 3415 e 3523; D. e A.L. 31) até além do limite da Paraíba. — Rio, São Paulo.

C. BICAPSULARIS L. — Arbusto de capoeiras úmidas e beiras d'água. Pernambuco e Paraíba, nos arredores de Recife e João Pessoa, não fre-

(*) : Pelo sistema de BRITTON e ROSE, *Cassia alata* L. e *C. reticulata* Willd. que se distinguem apenas por uma pequena diferença nos frutos, entrariam em gêneros diferentes!!!

quente. Comum em jardins no Rio de Janeiro. — América tropical e subtropical meridional.

C. BIFLORA L. VAR. *ROSTRATA* Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 1 067), Gravatá (P. 1 178), Surubim (L.X.). Paraíba: Serraria (L. X.). — Bahia, Minas, Rio. — *Forma típica*: Colômbia, América Central, Antilhas.

C. BRACHYSTACHYA Bth. VAR. *UNIJUGA* Bth. — Arbusto de restingas arenosas, não raro nos arredores de Recife (Prazeres, Piedade, Pau Sêco etc. “Maceió” (Fl. Bras.). — *Forma típica*: Bahia.

C. CALYCIOIDES DC. — Pernambuco e Paraíba, tabuleiro de També (M.), freqüente. — Goiás, Piauí, Pará; Guiana.

C. CANA Nees et Mart. — Pernambuco: sertão de Rio Branco, Buique (V.S. herb. I.P.A. 443 e 712). — Bahia, Espírito Santo e Minas.

C. CHAMAECRISTA L. Pernambuco: Ibimirim (A.L. 50-535). — América tropical e subtropical; no Brasil, principalmente no Sul.

C. CHRYSOCARPA Desv. — Arbusto escandente. Pernambuco: Tapera (P. 2 485). — Pará, Ceará; Guaiana e Antilhas.

C. EXCELSA Schrad. — “Ad Rio S. Francisco prope Villa Nova prov. Alagoas”, GARDNER 1 283 (Fl. Bras.). Árvore pequena, espontânea e culta por todo o Nordeste. Pernambuco: Olinda (P. 227, com o nome “*racemosa* Mill.”, identif. Pilger); Tapera (P. 2 639, como “*amazonica* Ducke”, ident. Kilip); Pesqueira (A.L. 52-1 032). Paraíba: comum na margem da estrada de João Pessoa para Campina Grande (L.X.). — Ceará, Bahia, Minas e São Paulo.

C. FERRUGINEA Schrad. — Árvore ornamental com flôres amarelo escuro. Pernambuco: Tapera (P. 3 940), Poção (P. 3 521). Paraíba: catinga litorânea (L.X.). — Do Ceará até São Paulo, mas muitas vezes só cultivada.

C. FLEXUOSA L. — Arbustinho esguio, freqüente em praias dos arredores de Recife e João Pessoa. — América tropical e Antilhas.

C. GRANDIS L. f. — Árvore bastante grande (a de porte maior entre as *Cassia* do Nordeste), com flôres róseo pálido que aparecem depois da queda total da folhagem; freqüente em parques tropicais, inclusive os de Recife. Não tenho dados seguros a respeito de ocorrência espontânea desta espécie em Pernambuco, porém na vizinha Paraíba ela é “comum nas lagoas e depressões da catinga litorânea” (L.X.). — Amazônia (abundante na mata inundável ao longo do Rio Amazonas e do Tocantins) e Maranhão (Barra do Corda); Norte da América tropical e Antilhas.

C. HISPIDULA Vahl. — Subarbustinho rasteiro de lugares abertos, secos. Pernambuco: També, tabuleiro (A.L. 50-748). — América tropical (freqüente em certos “campos” altos da Amazônia).

C. HOFFMANNSEGGII Mart. ex Bth. — Arbusto bastante grande, comum em capoeiras perto de habitações, nos arredores de Recife e João Pessoa. Os espécimes do herbário Pickel (n.º 219, de Olinda; n.º 3 088, de Tapera) foram identificados erroneamente como *C. bacillaris* L. Nordeste do Brasil, Goiás, Amazônia; Guiana.

C. MARTIANA Bth. — Árvore pequena, ornamental, encontrada em mata seca e catinga. Pernambuco: Poção (P. 3 522), Tapera (P. 4 110), Riacho Sêco (A.L. 51-941). Paraíba: Tabaiana (V.S. herb. I. P.A. 367); Campina Grande, lado do Carirí (L.X.). — Bahia: Joazeiro.

C. OCCIDENTALIS L. — Erva de cerca de 1 m., ruderal, comum em toda parte nos dois estados. — Cosmopolita tropical.

C. ORBICULATA Bth. — “Santa Rosa, Pernambuco”, Gardiner (Fl. Bras.). Não vista. — Goiás, Minas.

C. PATELLARIA DC. — Erva de meio metro. Pernambuco: Tapera (P. 2 470 e 3 363). — América do Sul tropical e subtropical.

C. PILIFERA Vog. — Pernambuco: Tapera (P. 229). Paraíba: Alagoinha (L.X.). — Do Piauí e Mato Grosso ao Rio Grande do Sul.

C. PUDIBUNDA Mart. ex Bth. — Pernambuco: freqüente por toda a zona da mata. Paraíba: comum na zona do Brejo (L.X.). — Piauí, Bahia, Minas.

C. QUINQUANGULATA Rich. — Arbusto escandente, freqüente na mata e em capoeiras velhas dos arredores de Recife. — Hiléia toda, Ceará, Rio de Janeiro.

C. RENIFORMIS G. Don. — Pernambuco: Araripe (A.L. e M. 52-1 136). — Bahia, Minas.

C. ROTUNDIFOLIA Pers. — Erva de pequeno porte. Pernambuco: Olinda (P. 979), Surubim e Bom Jardim (L.X.). — América tropical e Antilhas, dispersa.

C. SERICEA Sw. — Erva bastante alta, do sertão. Pernambuco: Arcoverde (P. 4 194; V.S. herb. I.P.A. 208); Surubim (L.X.). Paraíba: Tabaiana (P. 1 754). — Bahia, Ceará; América Central, Antilhas.

C. SERPENS L. — Erva decumbente de lugares abertos, secos. Paraíba: João Pessoa: tabuleiro arenoso, M. 4 906; estrada de Tambaúzinho (L.X.). — América tropical e subtropical meridional, e Antilhas.

C. SPLENDIDA Vog. — Arbusto pequeno. Pernambuco: Tapera (P. 2 845 e 3 057), Goiana (V.S. herb. I.P.A. 582), Caruaru (P. 1 172). Paraíba: catinga litorânea, lugar Mulungu (L.X.). — Piauí, Ceará, Bahia, Minas, São Paulo.

C. STENOCARPA Vog. — Erva ou subarbustinho, comum em toda parte nos dois estados. — América do Sul tropical, dispersa.

C. SUPPLEX Mart. ex Bth. — “Angico Alegre, Pernambuco”, leg. Martius (Fl. Bras.). Erva prostrada em campos abertos, secos. Paraíba, João Pessoa (M. 4 905). — Rio Grande do Norte (Cruzeta, L.X.), Pará (campos de Monte Alegre), Mato Grosso, Goiás, Bahia.

C. TORA L. — Pernambuco” (Fl. Bras.). Erva ruderal, comum em toda parte nos dois estados. — América tropical e subtropical.

C. TRACHYPUS Mart. ex Bth. — Pernambuco: Araripe (A.L. e M. 52-1 081). — Piauí, Ceará, Minas, São Paulo.

C. UNIFLORA Spreng. — Arbustinho multirramoso, característico para restingas marítimas e ainda encontrado em tabuleiros. Comum nos arredores de Recife e João Pessoa; forrageira (L.X.). — América do Sul tropical, mas não em tôda parte (falta no interior da Amazônia).

C. SP. ? — Pernambuco: Gravatá (P. 1 177), espécime incompleto. Está no herbário Pickel como *C. glandulosa* L., porém não corresponde à descrição desta, na Flora Brasiliensis.

KRAMERIA Loef. — Alguns autores atribuem êste gênero à família *Polygalaceae*, por seu aspecto muito diferente do das outras leguminosas. Ervas e semiarbustos xerófilos da América tropical e temperada (mais de 20 espécies descritas). Fornecem, em diversos países americanos, a “ratanha”, droga adstringente, usada principalmente na medicina.

K. TOMENTOSA St. Hil., “carrapicho” (como outras plantas cujos frutos aderem facilmente à roupa). — Semiarbusto de lugares abertos e secos. Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (P. 1 734, como *K. argentea*, determ. Harms; A.L. 50-745; D. e A.L. 54). — Centro e Nordeste do Brasil, Amazônia (campos altos de Monte Alegre e do Rio Branco); Guiana, Perú, Bolívia.

PARKINSONIA L. — Árvores tipicamente xerófilas, pequenas, aculeadas, com folíolos mínimos e flôres amarelas. Duas espécies descritas, uma das quais americana, a outra suláfricana.

P. ACULEATA L., “turco” (no Ceará, ainda “cedro”). — Esta espécie é comum em todo o Nordeste, principalmente no sertão onde talvez seja nativa. Os exemplares que existem em Recife, João Pessoa e em tôda a zona da mata dos dois estados, são cultivados. — América tropical e subtropical, comum em regiões sêcas porém em geral somente subespontânea; segundo BURKART, provavelmente nativa em duas áreas separadas: México e o Noroeste da Argentina.

CAESALPINIA L. — Numerosas (100 a 150) espécies nas regiões tropicais e subtropicais dos dois hemisférios, na maioria habitantes de matas sêcas; na América do Sul, o centro da sua distribuição acha-se no Norte da Argentina e Centro e Nordeste do Brasil, enquanto nenhuma espécie se encontra na mata pluvial equatorial. *Facies* e porte variam muito, conforme as espécies, mas, apesar disso, o gênero é bastante homogêneo e não se justifica sua subdivisão em gêneros menores.

C. BONDUCELLA (L.) Roxb., “carnica”. — Cipó aculeado, comum na beiramar de ambos os estados. — Cosmopolita tropical.

C. AFF. CALYCINA Bth. (ou espécie nova?). — Pernambuco: Jatinã, ilha (A.L. e M. 52-1 146). — A espécie foi descrita da Bahia.

C. ECHINATA Lam., “pau Brasil”. — Árvore pequena, aculeada, cuja madeira, pardo amarelento claro ao cortar, vira depois para o vermelho. Mata sêca. Pernambuco: Tapera, mata (P. 225). Paraíba: Mamanguape, mata de Camaratuba (L.X.), talvez o limite Norte da área da espécie. As árvores que deviam abundar antes da grande exportação

do seu lenho tintorial, são hoje raras. — Da Paraíba ao Rio de Janeiro (morros da Lagoa Rodrigo de Freitas, J. G. Kuhlmann).

C. FERREA Mart. ex Tul. (= *C. ferrea* Bth. ex parte, = *C. ferrea* var. *cearensis* Huber), “jucá” ou, raramente, “pau ferro”. — Árvore pequena ou mais raramente mediana, comum na zona da catinga (Agreste e Sertão) de Pernambuco e da Paraíba, mas de espontaneidade duvidosa nas outras zonas onde ela no entanto é freqüentemente cultivada por causa dos frutos usados na medicina popular. Vi-a em estado indubitavelmente espontâneo em Fazenda Nova, no Agreste de Pernambuco. É freqüentemente cultivada na Amazônia brasileira, onde ela foi introduzida pelos imigrantes nordestinos. Há vários pés cultivados no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em cujo herbário encontrei os espécimes 7 615 e 10 932 aí coletados. — Espontânea e comum no sertão, desde o Ceará até a Bahia.

O tipo desta espécie é Gardner 1 277, de Alagoas (Rio São Francisco); MARTIUS deu-lhe apenas o nome (cf. Tulasne, Arch. Mus. Paris 4 : 137). Pela longa e detalhada descrição de Tulasne torna-se evidente que êsse tipo corresponde ao “jucá” (algumas vezes chamado também “pau ferro”), e não ao “pau ferro” da mata do Rio de Janeiro e das serras do Nordeste, nunca chamado “jucá”. O porte pequeno ou escassamente mediano da árvore cujo tronco é sempre baixo e nunca bem direito, o número menor das pinas (vulgo 2 ou 3, mais raramente 4) e dos folíolos (vulgo 4 a 6 pares) e as dimensões maiores dêstes, e a pubescência dos pecíolos, do lado inferior dos folíolos e sobretudo das inflorescências, distinguem esta espécie da *leiostachya*; além disso, a casca do tronco nunca tem as bonitas cores que ostenta a última, e o fruto costuma ser curvado quando o da outra é direito.

Não vi as variedades *petiolulata* Tul. e *megaphylla* Tul., do Piauí e da Bahia. Das variedades descritas por BENTHAM, nenhuma pertence à espécie *ferrea*.

C. MICROPHYLLA Mart. ex Tul., “catingueira rasteira” (A.L.). — Pernambuco (sertão): Petrolândia (A.L. 50-541). — Bahia.

C. LEIOSTACHYA (Bth.) Ducke (= *C. ferrea* var. *leiostachya* Bth.), “pau ferro”. — Árvore grande (até 30 m.), de tronco direito, cilíndrico, alto e robusto e com casca lisa, com grandes manchas brancas sobre fundo escuro; número de pinas e folíolos maior que em *ferrea*, folíolos menores que nesta e glabros ou escassamente revestidos; inflorescências glabras; frutos em geral maiores e direitos. Pernambuco: existe cultivada em Recife, e vi uma árvore espontânea na mata serrana de Garanhuns, além de um espécime botânico completo (Buique, V.S. herb. I.P.A. 708); Paraíba (L.X.). — Espontânea no Rio de Janeiro e cultivada em parques, em várias cidades do Brasil.

C. PYRAMIDALIS Tul. (inclusive *C. Gardneriana* Bth. que não difere especificamente), “catingueira”, “catinga de porco”. — Árvore pequena, uma das mais comuns de toda a zona da catinga; falta na mata úmida. Material examinado, todo de Pernambuco: Caruaru (P. 2 498, “*C. pyramidalis* var.” det. Pilger); Caruaru (P. 2 831, “*C. la-*

xiflora Tul." det. Standley); Gravatá (P. 224, "*C. Gardneriana*" det. Hoehne). Paraíba: catanga litorânea e sertão (L.X.). — Do Piauí à Bahia.

PELTOPHORUM (Vog.) Bth. — Pequeno gênero tropical (6 espécies?), representado em ambos os hemisférios. Árvores grandes de flores amarelas.

P. DUBIUM (Spreng.) Taub. (mais conhecido por *P. Vogelianum* Bth.), "favinha". — "Pernambuco et Alagoas" (Fl. Bras.). Pernambuco, no Agreste: Caruaru (P. 1 758), Pesqueira (A.L. 51-894). — Paraíba: Campina Grande e Areia, mata (L.X.). — Do Nordeste brasileiro até o Norte da Argentina.

CENOSTIGMA Tul. — 3 ou 4 espécies, distribuídas sobre o Centro e Nordeste do Brasil, Paraguai e o Tocantins paraense. Árvores pequenas de flôres amarelas.

C. MACROPHYLLUM Tul. — "Pernambuco, Serra da Batalha", Gardner (Fl. Bras.). Nada me consta a respeito de coleções recentes, neste estado. — Piauí, Goiás e Minas.

POEPPIGIA Presl. — Gênero monotípico da América tropical.

P. PROCERA Presl. VAR. *CONFERTA* Bth. — Árvore pequena. Pernambuco: Airí, catanga (A.L. 50-583). — Estado do Rio, Bahia, Piauí (Fl. Bras.). — A forma típica da espécie é árvore grande, de Minas Gerais (Fl. Bras.), Colômbia (BRITTON and KILLIP), América Central, México e Cuba (localidade típica).

SCLEROLOBIUM Vog. — Árvores de variado porte, da América do Sul tropical (da Venezuela até São Paulo e o Norte do Paraguai), com o centro de dispersão na hiléia. Cêrca de 25 espécies estão descritas.

S. DENSIFLORUM Bth., "ingá porco" (Pernambuco), "ingá cavalo" (Paraíba). — Árvore grande da mata primária, de copa ampla; parece-se com os ingás verdadeiros, quando muito, na folhagem. Pernambuco: Recife: Dois Irmãos (A.L. 50-490) e Estrada da Aldeia, mata da Usina Mussurepe (A.L. 49-362); comum nos arredores de Goiana. Paraíba: João Pessoa (L.X.). — Bahia.

SWARTZIA Schereb. — Gênero tropical composto de numerosas espécies (cêrca de 150 descritas), quase tôdas na América, poucas na África, uma só em Madagascar; o centro de distribuição está na hiléia (54 espécies registradas para a Amazônia brasileira). As poucas espécies nordestinas são árvores pequenas ou escassamente medianas.

S. ALTERNA Bth. — Árvore pequena ou arbusto da mata de terras altas, não rara nos arredores de Recife: Dois Irmãos (D. 2 116; A.L. 49-369) e estrada da Aldeia (A.L. 52-1007). Tôdas as partes da planta exalam um odor forte e desagradável que lembra um pouco o das raízes das *Derris* ictiotóxicas da Amazônia. — Manaus e Guiana britânica.

S. APETALA Raddi. — "Maceió", Gardner 1 410 (Fl. Bras.). Não vista. — Rio e Bahia; var. *acuminata* Amsl. na Guiana holandesa.

S. MOLLIS Bth. — Arbusto da catinga. Pernambuco: Inajá (A. L. 50-700), Araripe (A.L. e M. 52-1 075), Maniçobal (A.L. e M. 52-1 050). — Ceará, Bahia.

S. PICKELII Killip ex Ducke, “jacarandá branco”. — Árvore pequena na mata, arbúsculo ou arbusto em capoeiras. Pernambuco: comum em certos lugares dos arredores de Recife (entre Dois Irmãos e Macacos, D. 2 262; V.S. herb. I.P.A. 199); Tapera (P. 2 394). Paraíba: João Pessoa, estrada de Cabedelo, mata de porte baixo, D. 2 315.

S. PSILONEMA Harms, “banhenta” (A.L.). — Árvore pequena; fruto volumoso; arilo das sementes polposo, com aspecto de gordura. Pernambuco: Araripe (A.L. e M. 52-1 088). — Do Leste e Sueste do Pará até o interior da Bahia; no Pará, Maranhão e Ceará conhecida por “jacarandá branco”.

ZOLLERNIA Mart. — 7 ou 8 espécies, tôdas brasileiras exceto uma que foi encontrada numa região serrana (Kanuku Mountains) do Sul da Guiana britânica.

Z. ILICIFOLIA Vog., “pau santo”. — Pernambuco: Russinha (P. 3 392); Surubim (L.X.). Paraíba: Tabaiana (P. 1 551). — Rio, Minas, Santa Catarina.

Z. LATIFOLIA Bth. — “Maceió”, Gardner (Fl. Bras.). Não vista.

Z. PARAENSIS Huber, “pau santo”. Árvore bastante grande; cerne da madeira escuro (muitas vezes quase preto), muito pesado. Mata seca. Pernambuco: Goiana (A.L. 52-984, D. e A.L. 60); Paraíba: estrada de João Pessoa a Goiana (D. 2 284). Leste e sueste do Pará e Noroeste do Maranhão.

Subfam. LEGUMINOSAE PAPILIONOIDEAE

Tribo *Sophoreae*

Esta tribo bastante heterogênea é constituída por pequenos grupos de gêneros que formam um laço de união entre as Cesalpinioideas e as Papilionoideas da tribo das Dalbergies. É essencialmente tropical, rica em gêneros e espécies na mata pluvial amazônica, pobre no Nordeste brasileiro.

BOWDICHIA H.B.K. — 3 espécies, tôdas da América do Sul tropical. Fornecem madeira boa.

B. VIRGILIOIDES H.B.K., “sucupira” ou “sucupira mirim”. — Árvore pequena ou apenas mediana, freqüente em tôdas as terras altas da zona da mata, em formações primárias e sobretudo secundárias, e ainda encontradas em restingas do litoral e tabuleiros. Comum nos arredores de Recife e João Pessoa, onde, no comêço do verão, suas copas cobertas de flôres violáceas lembram as belas leguminosas amazônicas. — Do Estado do Rio e de Mato Grosso até a Venezuela; na hiléia, estritamente limitada a campos naturais (savanas).

DIPLOTROPIS Bth. — Gênero pouco diferente do precedente. 4 espécies, tôdas da América do Sul tropical. Fornecem madeira boa.

D. PURPUREA (Rich.) Amsh. VAR. BRASILIENSIS (Tul.) Amsh., “sucupira açu”. — Árvore bastante grande, freqüente nos remanescentes da mata primária dos arredores de Recife (D. e A.L. 24 e 28), Goiana (D. e A.L. 35) e João Pessoa (L.X.). — Amazônia. A forma típica da espécie é própria da Guiana; outras variedades ocorrem na Amazônia inclusive o Norte de Mato Grosso.

ORMOSIA Jacks. — Gênero de árvores tropicais, representado por espécies bastante numerosas na América, por poucas na Ásia; cêrca de 45 estão descritas. O centro da dispersão da América é a hiléia (16 espécies na Amazônia brasileira). As sementes de tôdas as espécies são duras e de côr viva; as da maioria são vermelhas, comumente com uma mancha preto. (“tento”, na Amazônia onde freqüentemente servem para marcar jôgo).

O SP., provavelmente *O. nitida* Vog., “sucupira baraquim” (A.L.). — Árvore mediana ou bastante grande; sementes vermelhas unicolores, brilhantes. Pernambuco: em poucos exemplares, na mata das terras altas dos arredores de Recife: Gurjau (D. e A.L. 106); Usina Tiuma (A.L. 52-997). — *O. nitida* é do Espírito Santo; descrita em estado frutífero, sem flôres.

TORRESEA F. All. (= *Amburana* Schwcke et Taubert (6)). — Duas espécies, das quais uma (*T. acreana* Ducke) pode também ser considerada variedade geográfica da espécie típica. Árvores de madeira boa e que em tôdas as suas partes rescendem a cumarina; restritas ao interior da América do Sul, desde o Território do Acre até o Paraguai e o Noroeste argentino.

T. CEARENSIS F. All., “imburana de cheiro” ou “cumaru de cheiro”. — Árvore em geral pequena. Sertão de Pernambuco (Petrolândia, A. L. 50-538) e da Paraíba (L.X.). — Do Ceará até o Noroeste da Argentina.

PTEROGYNE Tul. (7). — Gênero monotípico da América do Sul, habitante de regiões sêcas desde o Nordeste do Brasil até o Norte da Argentina (Corrientes etc.).

P. NITENS Tul., “madeira nova”. — Árvore pequena ou escassamente mediana, fornecedora de boa madeira. Pernambuco: Serra Talhada (A.L.) Freqüente no Sul do Ceará (Crato).

MYROXYLON L. f. — A maioria dos autores distingue duas espécies, porém com muita probabilidade o gênero virá a ser considerado monotípico. Falta comparar sementes procedentes de muitas partes da sua extensa área geográfica. Árvores de porte grande, aromáticas;

(6): Na opinião de alguns autores, *Torresea* teria de ceder o lugar a *Amburana*, porque já anteriormente existia um nome *Torresia*, sinônimo de um outro gênero. Há, no entanto, na nomenclatura botânica, outros nomes que divergem numa só letra mas são aceitos como válidos (por ex. *Cistus* e *Costus*).

(7): BENTHAM e outros autores antigos colocam êste gênero nas Cesalpinioides perto de *Copaifera*.

a área abrange o continente americano, do México ao Norte da Argentina, com exclusão da maior parte da Amazônia.

M. PERUIFERUM L. f., "bálsamo". — Seguindo a maioria dos autores, conservo provisoriamente esta espécie embora concorde com RECORD (ver "Timbers of the New World") quando julga o gênero como provavelmente monotípico (o nome da espécie seria nesse caso *M. balsamum*) (L.) Harms). — Árvore grande de madeira ótima; no Brasil, ao que parece, limitada a matas serranas. Pernambuco: estrada de Caetés e Garanhuns (A.L. 50-713). — América tropical, com exceção da faixa equatorial.

SOPHORA L. — Arbustos dos trópicos e de vários países temperados do Novo e do Velho Mundo. Cerca de 25 espécies estão descritas.

S. TOMENTOSA L. — Arbusto pequeno das praias de Pernambuco e Paraíba. — Cosmopolita tropical de beiramar, porém no Brasil até agora não observado ao Norte da Paraíba.

Leg. Pap., tribo DALBERGIEAE

Esta tribo liga-se de um lado a certos grupos de gêneros da tribo *Sophoreae* e do outro lado aos gêneros arbóreos da tribo *Galegeae*. Rica em gêneros e espécies na hiléia amazônica e nas partes tropicais do Sul do Brasil e Norte da Argentina; relativamente pobre no Nordeste brasileiro.

DALBERGIA L. f. — Numerosas espécies (180 segundo AMSHOFF, 120 segundo HOEHNE) nos trópicos do Velho e do Novo Mundo, muitas no Sueste brasileiro. Árvores, ou arbustos escandentes; algumas espécies são notáveis pela excelente madeira.

D. CEARENSIS Ducke, "violete" (°). — Árvore pequena cujos ramos superiores mostram tendência para forma sub-escandente; fornece a famosa madeira de ebenistaria, conhecida nos Estados Unidos por "Brazilian Kingwood" (Record, o.c.). Pernambuco (sertão): catinga entre Ibimirim e Serra Negra (A.L. 50-534, 50-714, 50-725). — Ceará.

D. cearensis foi por alguns autores reunida à comum *D. variabilis* Vog., com a qual se parece muito nos herbários, mas não nas plantas vivas. *D. variabilis* é um arbusto escandente que pode trepar em árvores altas e que em parte alguma da sua vasta área (do Sudoeste da Amazônia até o Rio Grande do Sul e o Norte da Argentina) fornece madeira. À mesma *D. variabilis* atribui-se ainda a origem do "Brazilian Tulipwood" da Bahia, porém o material de herbário estudado por STANDLEY (col. D. G. DE ALMEIDA, Serviço Florestal) veio duma árvore (não d'um cipó!) e foi identificado como *D. variabilis* var. *tomentosa* Bth. Novas e completas coleções em número maior de localidades através da extensa área geográfica destas plantas serão necessárias para completar o estudo dêste complexo.

(°): Encontrei êste nome aplicado ainda a outras Dalbergieas, como p. ex. *Machaerium acutifolium* Vog. (no Maranhão e Ceará) e *Platymiscium* sp. (no Ceará).

D. HECASTOPHYLLUM (L.). Taub. — Arbusto sub-escandente de praias à beira de mangues, comum nas vizinhanças de Recife e João Pessoa. — América e África tropicais, e Antilhas.

MACHAERIUM Pers. — Gênero aproximadamente tão rico em espécies quanto o precedente, porém limitado à América tropical (HOEHNE conseguiu “apurar 121 que devem ser válidas” (Flora Brasílica). O centro maior parece ser o Sudoeste brasileiro. Árvores, algumas com madeira escura, ou arbusto escandentes; na Amazônia predominam os últimos.

M. ACULEATUM Raddi (= *angustifolium* Vog. = *isadelphum* (E. Mey.) Amsh.). — “Prope Pernambuco” (Recife, provavelmente), Gardner (Fl. Bras.). — Árvore pequena com estípulas espinescentes, frequente em antigas plantações e sítios abandonados nos arredores de Recife e João Pessoa; também em Tapera (P. 1 171). Ocorre ainda numa forma escandente que também pode ser outra espécie (Recife, estrada da Aldeia, A.L. 50-633). — De Panamá ao Norte da Argentina. — Segundo alguns autores, haveria duas espécies, *aculeatum* e *angustifolium*, o que só poderá ser decidido por estudo de material mais abundante e de procedência diversa.

M. MUCRONULATUM Mart. ex Bth. — “Pernambuco” (Fl. Bras.). — Minas (Fl. Bras.). Não conheço esta espécie.

M. VIRIDIPETALUM n. sp. — Arbusto escandente, não raro nos arredores de Recife, em mata e capoeira de terras altas (Estrada da Aldeia, A.L. 50-625, 51-946). Tapera (P. 2 424, como “*Diploctropis ferruginea* Benth.”, determ. Killip).

M. sp ?, só frutífero e por enquanto não identificável. — Recife, Estrada da Aldeia, capoeira em lugar alto (D. e A.L. 98).

PTEROCARPUS L. — Espécies bastante numerosas (cêrca de 65 segundo AMSHOFF), tropicais, nos dois hemisférios; no Brasil, poucas. Árvores.

P. VIOLACEUS Vog., “pau sangue”. — Árvore com flôres amarelas com mancha violácea. Pernambuco e Paraíba, principalmente em mata sêca; frequente ao redor de Recife, Tapera e João Pessoa. — Bahia, Rio.

PLATYMISCIUM Vog. — Estão descritas mais de 20 espécies, porém êste número terá de ser reduzido. Árvores da América tropical, de variado porte, tôdas com vistosas flôres amarelas (na árvore desfolhada), algumas com ótima madeira (“macacaúba” do Pará e Amazonas). A classificação das espécies é difícil, porque o material dos herbários é quase sempre incompleto.

P. FLORIBUNDUM Vog. — Frequente em ambos os estados, da zona da mata ao sertão, sobretudo em margens de rios. — Ceará (?), Rio de Janeiro. — *P. Blancheti* Bth., descrito da Bahia, será provavelmente a mesma espécie.

HYMENOLOBIUM Bth. — 13 espécies distribuídas desde a Guiana até o Rio de Janeiro, 10 das quais na Amazônia onde algumas contam

entre as árvores mais altas. Madeira dura; flôres, conforme as espécies, violáceo claro até róseo pálido.

H. ALAGOANUM Ducke. — Arbusto de poucos metros. Pernambuco e Paraíba: També, tabuleiro (A.L. 50-763, D. e A.L. 47). Alagoas: Maceió, Gardner 1 275 (Fl. Bras.).

H. MODESTUM Ducke, forma, ou espécie nova (faltam flôres). Pernambuco: Goiana, mata da Usina Santa Tereza (D. e A.L. 65). — As fôlhas destas e das demais espécies de porte grande caem antes do princípio da floração, e as novas só nascem depois da queda dos frutos.

DERRIS Lour. — De acôrdo com MACBRIDE (Flora of Peru, Leguminosae), reuno os gêneros *Derris* e *Lonchocarpus*, entre os quais ninguém ainda pôde traçar um limite, num gênero único sob o nome do primeiro. Numerosas espécies nos trópicos de ambos os hemisférios, cêrca de 250 descritas. Árvores em geral pequenas ou arbustos escandentes de variado porte; flôres violáceas, vermelhas, róseas ou brancas. As três plantas ictiotóxicas de maior uso pertencem a êste gênero. As espécies pernambucanas são árvores pequenas.

D. GUILLEMINIANA (Tul.) Macbride (= *Lonchocarpus neuroscapha* Bth.). — Pernambuco: Paulista (A.L. 52-987). — Rio, Espírito Santo, Bahia, Minas (Fl. Bras.), e Sudoeste da Amazônia; em várias formas mal conhecidas.

D. SERICEA (H.B.K.). — “Rio São Francisco, Alagoas”, Gardner 1 275 (Fl. Bras.). Pernambuco: mata sêca (Tapera, P. 233, 2 852 e 3 970, com o nome de *Lonchocarpus neuroscapha*) e sertão (Custodia, A.L. 49-151). Paraíba: Patos, Alagoas do Monteiro (L.X.). No sertão onde falta o gênero *Inga*, esta árvore é conhecida por “ingazeiro”. — América tropical e Antilhas, África ocidental tropical; em várias formas mal estudadas que em parte talvez sejam espécies próprias.

D. sp. ?, material frutífero, por enquanto não identificável. — Pernambuco: Inajá, encosta da Serra Negra (A.L. 50-730, 50-732).

GEOFFROEA Jacqu. — 3 espécies sulamericanas, desde Venezuela e Colômbia à Argentina (Burkart o.c.). — Árvores pequenas ou arbustos; flôres alaranjadas.

G. STRIATA (Willd.) Mor. (mais conhecida como *G. superba* H.B.K.), “marí”. — Comum no sertão de todo o Nordeste onde parece ser espontânea, enquanto os exemplares encontrados no zona da mata são cultivados ou, quando muito, sub-espontâneo. As sementes são comestíveis (assadas). — Do Norte da Argentina até a República do Equador (Burkart o.c.); no Brasil, sòmente no Nordeste.

ANDIRA Lam. — Árvores tropicais, na maioria americanas, poucas na África; no Brasil, mais numerosas no Sueste e Centro. Cêrca de 30 espécies estão descritas. As espécies nordestinas são de difícil classificação, devido à insuficiência das descrições na Flora Brasiliensis; o nome vernáculo de tôdas é “angelim”; as flores são violáceas, vistosas.

A. FRAXINIFOLIA Bth. — Árvore pequena ou mediana da mata secundária das terras altas. Pernambuco, arredores de Recife: Muribeca

(P. 3 308); Dois Irmãos (A.L. 48-126). Paraíba: estrada de Goiana a João Pessoa (D.); Areia (L.X.). — São Paulo, Rio, Minas.

A. FRONDOSA Bth. ? — Espécie insuficientemente conhecida cuja descrição, na Flora Brasiliensis, se baseia num espécime único. Recife: Dois Irmãos, árvore mediana da mata em lugar alto (A.L. 51-944); diverge da descrição pelas bractéolas pequenas e caducas. Plantas novas foram vistas ao longo da estrada para Aldeia. — Estado do Rio: restinga de Cabo Frio.

A. LAURIFOLIA Bth. — “In provincia Pernambuco frequens in planitie alta quales Chapada dicunt, districto Rio Preto”, Gardner 2 816 (Fl. Bras.). Arbúsculo pequeno (abaixo de meio metro), muito ornamental quando em flor. Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També, abundante nalguns pontos (P. 3 406, D. e A.L. 39); Paraíba: Tabuleiro de Santa Rita, perto de João Pessoa (L.X.). Concorda com MELLO BARRETO 5 941, do cerrado de Lagoa Santa. — Minas. — *A. humilis* Mart. ex Bth., igualmente do cerrado de Minas, será possivelmente uma mera forma da presente.

A NITIDA Mart. ex Bth. — Árvore pequena, freqüente nas restingas do litoral. Pernambuco: arredores de Recife (Olinda, P. 848; Cassote, A.L. 49313). Paraíba: João Pessoa e Mamanguape, mata do litoral e praias altas (L.X.). — Espírito Santo.

COUMAROUNA Aubl. (= *Dipteryx* Schreb. em parte). — 13 espécies: 8 na hiléia e na Venezuela, 1 na hiléia e no Nordeste do Brasil, 1 no Nordeste, 1 no Brasil Central e Norte do Paraguai, e 2 na América Central. Árvores de variado porte, de madeira muito dura; algumas, muito ornamentais quando cobertas de flôres; outras, com sementes perfumadas ou comestíveis.

C. ODORATA Aubl., “cumarú”. — Árvore grande da mata pluvial de lugares altos, não muito rara nos arredores de Recife (Dois Irmãos, A.L. 50-740) e Goiana (vista). Flôres côm-de-rosa com lilás e branco, fragrantíssimas; sementes largamente exportadas da Amazônia, para extração da cumarina. — Comum no centro e leste da hiléia; falta desde São Luís do Maranhão até inclusive a Paraíba, para reaparecer em Pernambuco (o mesmo sucede com *Parkia pendula*).

Leg. Pap., tribo Galegeae

Esta vasta tribo cujos limites com as outras tribos das Papilionídeas não podem ser exatamente definidos, consiste principalmente em arbustos e subarbustos de climas temperados, sendo, por isso fracamente representada no Brasil tropical.

POECILANTHE Bth. — Árvores pequenas da América do Sul tropical, cujo aspecto lembra a tribo *Dalbergieae*, da qual no entanto diferem pelo legume lenhoso, bivalvado e elásticamente deiscente. Seis espécies estão descritas.

P. FALCATA (Vell.) Ducke (= *grandiflora* Bth.), “chorão” (Paraíba). — Vi somente espécimes frutíferos. Pernambuco: município de

Pesqueira (A.L.). Paraíba: margem do Rio Paraíba, Fazenda Limão, Monteiro (L.X.). — Minas e Estado do Rio.

SESBANIA Scop. — Ervas altas ou arbustos; mais de 20 espécies válidas (Burkart o.c.), distribuídas sobre os trópicos e subtropicais de ambos os hemisférios. Uma só espécie é nativa no Brasil tropical, porém uma outra (*S. aegyptiaca* Pers.) é freqüentemente encontrada no Nordeste, em cultura e sub-espontânea.

S. EXASPERATA H.B.K. — Erva alta com flôres de um amarelo saturado, freqüente em pântanos e margens pantanosas de rios, em lugares abertos ao sol. "Prope Pernambuco", Gardner (Fl. Bras.). Arredores de Recife e João Pessoa, e provavelmente em toda a zona da mata. — América tropical e subtropical meridional, e Antilhas.

HARPALYCE Moc. et Sessé ex DC. — Arbustos da América tropical inclusive Cuba; poucas espécies.

H. BRASILIANA Bth. — Arbusto de flôres violáceo-róseas, característico para a flora dos campos, tabuleiros e chapadas do Brasil central e Nordeste. Pernambuco e Paraíba: freqüente nos tabuleiros altos e arenosos de També e Pedra de Fogo (A.L., D., P., V.S.) — De Piauí e Ceará até Minas e Mato Grosso.

TEPHROSIA Pers. — Numerosas espécies nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, sobretudo na África e Austrália; cerca de 200 descritas (AMSHOFF). Arbustos pequenos ou ervas; muitas espécies são venenosas.

T. ADUNCA Bth. — Erva de "campo" (savanas), cerrados e tabuleiros. Paraíba: tabuleiros entre João Pessoa e Goiana (A.L. 52-1 178). — América do Sul tropical e subtropical.

T. CINEREA Pers. — Erva rasteira da areia do litoral, freqüente nos arredores de Recife e João Pessoa. — América tropical e Antilhas, e Argentina subtropical.

INDIGOFERA L. — Um dos maiores gêneros entre as Leguminosas, habitante dos trópicos e subtropicais de ambos os hemisférios. principalmente da África. Ervas e arbustinhos. O número das espécies está avaliado em mais de 200 por BURKART, em cerca de 500 por AMSHOFF.

I. ANIL L., "anil". — Comum em terrenos abandonados, abertos, e em beiras de estradas, por todo o Nordeste brasileiro e toda a América tropical e subtropical.

I. ASPERIFOLIA Bong. — Pernambuco: Tapera (P. 4 219). — América tropical e subtropical meridional.

I. CAMPESTRIS Bong. — Pernambuco: Recife, freqüente na praia de Boa Viagem (A.L.). — América tropical e subtropical meridional.

I. MICROCARPA Desv. — "Pernambuco", Gardner 974 (Fl. Bras.); freqüente em praias de Recife e Olinda. — Bahia; Venezuela, Antilhas.

I. PASCUORUM Bth. — Pernambuco: Olinda e Tapera, pastos e ruas (P.). — Território do Rio Branco; América Central, Guiana.

Leg. Pap., tribo *Phaseoleae*

Tribo tropical e subtropical, importante pelo número de gêneros e espécies e mais ainda pela utilidade de muitas; na maioria, plantas volúveis. O Brasil tropical todo é rico de representantes desta tribo, parecendo ser Minas o centro maior da sua distribuição geográfica.

CLITORIA L. — De 30 a 40 espécies (Burkart, Amshoff) nos trópicos e subtropicais de ambos os hemisférios. Ervas e arbustos eretos ou volúveis; algumas espécies arbóreas na Amazônia. Flôres róseas, brancas ou violáceas.

C. CAJANIFOLIA (Presl.) Bth. — Erva ereta de lugares abertos, secos. “Pernambuco” (Fl. Bras.); não rara no litoral de Recife e nos tabuleiros de Goiana. — América do Sul tropical e Antilhas. — No Rio Negro (Amazonas), às vêzes cultivada como planta ictiotóxica.

C. RUBIGINOSA Juss. (= *glycinoides* DC.). — Erva volúvel de capoeiras e beiras de mangue, freqüente nos arredores de Recife. — América tropical e meridional subtropical e Antilhas.

C. SIMPLICIFOLIA (H.B.K.) Bth. — “Santa Rosa, prov. Pernambuco”, Gardner 2 822 (Fl. Bras.). Erva ereta dos “campos” altos do Pará: dispersa desde Venezuela (Orinoco) até Goiás e Mato Grosso.

CENTROSEMA DC. — Numerosas espécies (cêrca de 40 segundo AMSHOFF, 35 segundo BURKART), tôdas americanas e principalmente do Sul. As do Nordeste são ervas volúveis, com flôres violáceas ou em parte brancas.

C. BRASILIANUM (L.) Bth. — Uma das leguminosas mais comuns das capoeiras e beiras de caminhos em ambos os estados; ocorre em várias formas. — América tropical e subtropical meridional, e Antilhas.

C. HASTATUM Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 2 146, 2 739, 2 740). — Bahia, Minas e São Paulo; Colômbia e América Central.

C. MACROCARPUM Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 2 748, 2 794; V.S. herb. I.P.A. 497; P. 2 794 sob o nome *C. prehensile* Ducke). — Guiana, Peru e Colômbia.

C. PASCUORUM Mart. ex Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 2 417, 2 721). Paraíba: Guarabira (L.X.). — Ceará e Minas.

C. PLUMIERI (Jacqu.) Bth. — Flôres bonitas, com larga faixa violáceo-purpúrea sôbre fundo branco. Pernambuco e Paraíba, zona da mata inclusive o litoral, em capoeiras úmidas sobretudo na vizinhança de lugares habitados; freqüente nos arredores de Recife e João Pessoa. — América tropical e Antilhas.

C. PUBESCENS Bth. — Como *brasilianum*, porém menos comum. Freqüente nos arredores de Recife e João Pessoa. — Do México à Bahia; Antilhas.

C. VIRGINIANUM (L.) Bth. — Como *brasilianum* e *pubescens*, porém menos freqüente. Arredores de Recife; Tapera e Pesqueira (P.). — América tropical e subtropical, e Antilhas (ausente da Amazônia brasileira).

PERIANDRA Mart. — 6 espécies descritas, tôdas brasileiras. Arbustinhos eretos ou ervas volúveis.

P. COCCINEA (Schrad.) Bth. — Erva volúvel, com grandes flôres vermelhas; vive em terrenos abertos, secos. Pernambuco e Paraíba: tabuleiro alto de També, freqüente. Pernambuco: Garanhuns e Serra Negra (A.L.). — Maranhão, Piauí, Bahia e Ceará.

P. DULCIS Mart. ex Bth. — Arbustinho com flôres violáceas e raiz adocicada, próprio de lugares secos, arenosos ou pedregosos. Pernambuco: Piedade perto de Recife (A.L. 50-507). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També. Paraíba: João Pessoa, transição entre tabuleiro e mata (L.X.). — Pará (campos altos), Ceará, Bahia, Minas e São Paulo.

ERYTHRINA L. — 104 espécies (Krukoff o.c.) tropicais e subtropicais no Novo e no Velho Mundo; no Brasil, poucas. Árvores de variado porte, com madeira mole; as flôres de tôdas são grandes, vermelhas ou alaranjadas, raramente róseo pálido (*E. amazonica* Kr.).

E. GLAUCA Willd. — Árvore aculeada com flôres côr de laranja, comum na Amazônia. Recife, restinga do Pau Sêco, margem de um pequeno rio, aparentemente espontânea. Da hileia à América Central.

E. VELUTINA Willd., “mulungu”. — Árvore de flôres vermelhas, freqüentemente cultivada no Nordeste e talvez espontânea em alguns lugares. Pernambuco e Paraíba, dispersa por todo o Agreste, rara na Zona da Mata. — Nordeste e Centro do Brasil; Venezuela, Equador e Antilhas (Krukoff: *The American species of Erythrina*). Não se conhece com segurança o “habitat” espontâneo da espécie.

MUCUNA Adans. — Numerosas espécies (cêrca de 100 segundo AMSHOFF) nos países tropicais e subtropicais do globo, poucas no Brasil. Arbustos ou ervas de grande porte, volúveis (com excepção de uma espécie exótica, ereta).

M. SLOANEI Fawc. et Rendle (= *urens* L. sensu Bentham). “ôlho de boi”. — Trepadeira de grandes flôres amarelas e frutos com pêlos urentes, não rara em capoeiras nos arredores de Recife (Igaratú, A.L. 49-320); Tapera (P. 239, 2778). — Norte da América tropical, para o Sul até Goiás e Bahia; Antilhas; África ocidental.

CALOPOGONIUM Desv. (= *Stenolobium* Bth.). — 6 espécies, americanas, tropicais e subtropicais. Trepadeiras semiherbáceas, volúveis (uma espécie argentina é planta ereta), com flores azuis ou violáceas.

C. CAERULEUM (Bth.) Hemsl., “catinga de macaco” (A.L.). — Trepadeira com flôres azuis, pequenas, de capoeiras úmidas, de preferência em culturas abandonadas. Pernambuco e Paraíba, comum na zona da mata inclusive o litoral. — América tropical e subtropical meridional, Antilhas.

C. MUCUNOIDES Desv. (= *Sten. brachycarpum* Bth.). — Trepadeira menor e em geral rasteira. Pernambuco: Arcoverde (V.S., herb. I.P.A. 209). — Da Bahia à América Central.

C. VELUTINUM (Bth.) Amsh. — Mais robusto; flôres mais compridas e de côr mais violácea. Pernambuco: não raro em capoeiras nos

arredores de Recife e Amaragí (D.); Quipapá (A.L. 50-598). — Espírito Santo, Bahia; Guiana holandesa.

GALACTIA P. Br. — Cêrca de 80 espécies (Amshoff), nas regiões tropicais e subtropicais, sobretudo da América; o maior centro está no Brasil Central. Ervas, semiarbustos e arbustos pequenos, volúveis, prostrados ou eretos; limitadas a campos altos e mato sêco.

G. GLAUDESCENS H.B.K. — Pernambuco: Tapera, várzea (P. 672, determ. Hoehne). — Minas, Goiás, Ceará (Crato), Piauí; Colômbia.

G. STRIATA (Jacqu.) Urban (= *tenuiflora* Wight et Arn. = *filiiformis* (Jacqu.) Wallich). — Cipòzinho de capoeiras sêcas. Pernambuco: Recife, Estrada da Aldeia (D. e A.L.); Tapera (P. 4 010). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (M.). Paraíba: Itabaiana (M. 4 909). — América tropical e meridional subtropical, dispersa.

CAMPTOSEMA Hook. et Arn. — Cêrca de uma dúzia de espécies (Burkart), distribuidas dispersamente, do Sul do Estado do Pará até a Argentina subtropical e temperada. Arbusto e semiarbustos, eretos ou volúveis, com grandes flôres purpúreas ou escarlates.

C. CORIACEUM (Nees et Mart.) Bth. — “Pernambuco”, Gardner 4 116 (Fl. Bras.). — Minas, Goiás, Bahia. — Não visto.

CRATYLIA Mart. ex Bth. — 6 espécies, distribuidas desde a parte meridional da Amazônia até a Argentina subtropical. Arbustos volúveis, flores violáceas.

C. MOLLIS Mart. ex Bth. — Pernambuco, sertão: Inajá (A.L. 49-255); Buique (V.S. herb. I.P.A. 727). — Piauí.

DIOCLEA H.B.K. Cêrca de 30 espécies descritas dos trópicos americanos, poucos dos do Velho Mundo; o centro maior está na hiléia (17 espécies na Amazônia brasileira); 3 na Argentina subtropical. A classificação das espécies está imperfeita, por falta de material completo nos herbários (⁹). Arbustos volúveis (com exceção de uma espécie, descrita como ereta) de porte mediano, grande ou máximo, ornamentais, com bonitas flôres que vão do branco ao purpúreo e violáceo.

D. GLABRA Bth. — “Prov. Pernambuco”, Gardner 2 823 (Fl. Bras.). — Da hiléia até Piauí, Goiás e Mato Grosso.

D. GRANDIFLORA Mart. ex Bth., “mucunã”. — Cipó robustíssimo que pode subir em árvores grandes; flôres violáceo claro, vistosas; das sementes prepara-se uma farinha comestível. “Joazeiro, Pernambuco” (hoje Bahia), Fl. Bras. Comum no sertão de Pernambuco (A.L.); Pombos (P. 3 204, como *malococarpa*, det. Killip).

D. MALOCOCARPA Ducke. — Recife, mata de Mussurepe (A.L. 52-1 019), com ligeira dúvida. — Amazônia brasileira.

D. VIRGATA (Rich.) Amsh. (= *lasiocarpa* Bth.). — Cipó de caule fino, de capoeiras sobretudo ao longo de estradas. “Prov. Pernambuco”,

(⁹): Para determinar com segurança as espécies precisa-se de raminhos novos para verificar a presença ou ausência de estipulas; de inflorescências muito novas, com brácteas; de inflorescências adultas, com os nódulos floríferos; de frutos adultos e sementes.

Gardner 940 (Fl. Bras.). Vulgar em tôda a zona da mata inclusive o litoral, desde Recife a João Pessoa. — América do Sul tropical e subtropical.

No mínimo duas outras espécies dêste gênero foram coletadas em Pernambuco e na Paraíba, porém em espécimes incompletos que não permitem determinação segura. Uma das mesmas é P. 2 621 (com o nome *malacocarpa* det. Killip.), de Tapera.

CANAVALIA Adans. — Cêrca de 40 espécies (Burkart), nas regiões tropicais do globo. Ervas ou subarbustos; as espécies brasileiras tôdas são volúveis.

C. BRASILIENSIS Mart. ex Bth. — Trepadeira baixa de capoeiras úmidas. Pernambuco: Tapera (P. 1 462, 2 766 e 2 767); Afrânio (A.L. e M. 52-1 065). Paraíba: Alagoinha (L.X.). — América do Sul tropical.

C. MARITIMA (Aubl.) Thou. (= *obtusifolia* DC.). — Trepadeira baixa, freqüente nas praias de ambos os estados. — Cosmopolita tropical litoral.

C. PARVIFLORA Bth. — Cipòzinho que trepa bastante alto, de beiras e clareiras da mata. Pernambuco: arredores de Recife (A.L. 50-612, 52-1 016); Tapera (P. 2 641, 2 779). — Do Sul tropical do Brasil até o Acre.

RHYNCHOSIA Lour. — Numerosas espécies (de 150 a 200, conforme os autores) nos países tropicais e subtropicais, sobretudo na África; poucas no Brasil. Ervas ou arbustinhos com flôres amarelas.

R. MINIMA (L.) DC. — Erva pequena, volúvel, de lugares abertos, secos. Pernambuco: Tapera (P. 267). Paraíba: Alagoinha (L.X.). — Cosmopolita tropical e subtropical.

R. PHASEOLOIDES (Sw.) DC., “ôlho de pombo”. — Arbustinho volúvel de caule plano, vulgar em capoeiras ao redor de Recife e João Pessoa e por tôda a Zona da Mata. — América tropical e Antilhas.

ERIOSEMA DC. — Numerosas (100 a 120) espécies, sobretudo na África e América, tropicais e temperadas meridionais; 1 na Ásia tropical e Austrália. Subarbustos pequenos com flôres amarelas, eretos ou prostrados, característicos para a flora de cerrados, chapadas, campos altos e tabuleiros; bastante numerosas no Brasil Central.

E. SIMPLICIFOLIUM (H.B.K.) Walp. — “Prov. Pernambuco”, Gardner 2 818 (Fl. Bras.). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (A.L. 52-1 174; M.). — Norte da América do Sul até o Brasil Central.

E. VENULOSUM Bth. — “Serra da Batalha, prov. Pernambuco”, Gardner 2 817 (Fl. Bras.). — Goiás, Minas. — Não conheço esta espécie.

PHASEOLUS L. — “Gênero que consta aproximadamente de 180 espécies, em geral polimorfas, distribuídas nas zonas quentes de ambos os hemisférios, porém com predominância manifesta na América” (Burkart o.c.); a nomenclatura é, nêste gênero, sumamente confusa,

sendo aliás quase impossível dividir o mesmo em espécies naturais. Ervas volúveis, ou (em poucos casos) semiarbustos eretos; poucas espécies no Nordeste do Brasil, um número maior no Centro e na Amazônia.

P. BRACTEOLATUS Nees et Mart. — Pernambuco: Tapera (P. 2 475, como *panduratus* Mart., det. Killip); Quipapá (A.L. 50-572). — Piauí, Bahia, Minas.

P. LONGIPEDUNCULATUS Mart. ex Bth. — Vulgar em terrenos abertos nos arredores de Recife e João Pessoa e ao que parece por toda a Zona da Mata. — América tropical e subtropical meridional.

P. MARTII Bth. — Pernambuco: Floresta, serra do Arapuá (A.L. e M. 52-1 154). — Piauí; Paraguai.

P. PEDUNCULARIS H.B.K. VAR. ?. — Trepadeirainha rasteira de flôres violáceas, vulgar nas restingas e em praias dos arredores de Recife (P. 4 220, como *membranaceus* Bth.) e João Pessoa. — América Central e meridional tropical e subtropical.

P. SEMIERECTUS L. (= *lathyroides* (L.) Hassl.). — Erva ereta ou semiereta de lugares abertos e secos, sobretudo em campos de cultura abandonados. Comum nos arredores de Recife e João Pessoa como no interior dos dois estados. — América tropical e Antilhas.

P. SP. ? (material escasso). — Pernambuco: Tapera (P. 2 456, como *lathyroides* L., det. Killip).

VIGNA Savi. — “Gênero com umas 80 espécies tropicais e subtropicais, em sua grande maioria africanas, pois só uma meia dúzia é espontânea na América” (Burkart o.c.). Ervas; as poucas espécies brasileiras, volúveis. — Gênero artificial que melhor ficaria como mera secção de *Phaseolus*.

V. LUTEOLA (Jacqu.) Bth. — Trepadeirainha de caule tênue e flores amarelas, que aparece em terrenos cultivados, praias e beiras de caminhos. Pernambuco: Tapera (P. 3 720, como *vexillata*, det. Standley); não rara nos arredores de Recife. — América tropical e temperada.

V. VEXILLATA (L.) Rich. — Mais robusta que a precedente; flores lilás com branco. Terrenos cultivados e beiras de caminhos. Pernambuco: Tapera (P. 247, 2 766); não rara nos arredores de Recife. — Cosmopolita tropical.

Leg. Pap., tribo Viciaeae

Tribo própria de climas frios ou temperados, com raras espécies subtropicais. O único gênero tropical é aberrante e constitui (segundo Burkart o.c.) uma transição para as Faseoleas.

ABRUS L. — Cerca de 5 espécies (segundo AMSHOFF) nos trópicos dos dois hemisférios. Cipòzinhos volúveis de caule tênue, lenhoso na base.

A. PRECATORIUS L. — “jiquirití”. — Bem conhecido pelas sementes vermelhas com mancha preta (muito venenosas). Pernambuco: Re-

cife e arredores, em terrenos arenosos secos; a planta é também conhecida na Paraíba e aliás provavelmente em todo o Nordeste. — Cosmopolita tropical de origem desconhecida.

Leg. Pap., tribo *Genisteae*

Tribo sobretudo própria de climas temperados, com um só gênero representado nos trópicos americanos.

CROTALARIA L. — Grande número (cêrca de 400) de espécies, principalmente tropicais mas com algumas mesotérmicas. Ervas ou arbustos que raramente alcançam a altura de 2 metros; flôres, nas espécies brasileiras, amarelas ou alaranjadas.

C. HOLOSERICA Nees et Mat. — Lugares abertos, secos. Pernambuco: Gravatá, catinga (P. 1 179); Quipapá (A.L. 50-577). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (D. e A.L. 50). — Piauí, Bahia, Minas.

C. INCANA L. — Erva dispersa pelo Brasil, em culturas abandonadas; talvez só subespontânea, por ser freqüentemente cultivada para adubo verde. Pernambuco: Olinda (P. 774). — Cosmopolita tropical e subtropical; origem desconhecida.

C. RETUSA L. — Erva dura de lugares abandonados, comum nas praias de Recife e João Pessoa. — Cosmopolita tropical; origem desconhecida.

C. STIPULARIA Desv. — Erva de lugares abertos e secos. Freqüente em terrenos cultivados dos arredores de Recife e João Pessoa. — América meridional tropical e subtropical, e Antilhas.

C. STRIATA DC — Erva dura de terrenos abandonados, pastos, praias habitadas. Pernambuco: comum nos arredores de Recife. — Cosmopolita tropical litoral; origem desconhecida.

C. VITELLINA Ker., *FORMA MINOR* Bth. — Pernambuco: Quipapá (A.L. 50-608). — A forma típica é de São Paulo; a variedade, do Estado do Rio, Minas e Ceará.

Leg. Pap., tribo *Hedysareae*

Tribo de distribuição mundial, em todos os climas, porém com maior riqueza de gêneros e espécies nas regiões quente-temperadas e subtropicais. Bem representada no Brasil todo, com o centro principal em Minas. As espécies brasileiras são ervas ou subarbustos e habitam, com poucas exceções, lugares abertos, secos, inundados ou temporariamente inundáveis.

CHAETOCALYX DC. — Cêrca de 18 espécies (Burkart) de ervas volúveis de pequeno tamanho, com flores amarelas. América tropical e subtropical meridional, e Antilhas.

CH. HEBECARPA Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 506); Russinha (P. 3 482). — Minas.

AESCHYNOMENE L. — Gênero pantropical e subtropical com mais de 60 espécies (Burkart), sobretudo na África e na parte oriental da América do Sul; no Brasil, o centro principal é Minas. Ervas altas ou prostadas, ou subarbustos; flôres amarelas, numa só espécie violáceas (*Ae. interrupta* Bth., dos campos inundáveis do Rio Branco). Habitam lugares abertos.

AE. AMERICANA L. — (com ligeira dúvida). — Pernambuco: Tapera (P. 1 442). — Ceará: Aracati, Gardner (Fl. Bras.); América Central (Fl. Bras.); Norte da Argentina (Burkart).

AE. FALGATA DC⁽¹⁰⁾. — Pernambuco: Tapera (P. 3 049, 3 697); Quipapá (A.L. 50-584). — América tropical e subtropical meridional (falta na hileia).

AE. FILOSA Mart. ex. Bth. — Pernambuco: Jatinã (A.L. e M. 52-1 145). — Do Pará (campos pantanosos de Marajó) e dos campos do Rio Branco até Goiás, Bahia e Minas.

AE. HISPIDA Willd. — Pernambuco: Cabo Sto. Agostinho (A.L. 52-1 045); Tapera (P. 905 e 3 728). Planta de lugares pantanosos, abertos. — América tropical, subtropical, e boreal temperada.

AE. HISPIDULA H.B.K. — Pernambuco: Tapera (P. 3 089). — Da América Central até Bahia e Minas.

AE. HYSTRIX Poir. — “In arenosis ad Rio S. Francisco, prov. Alagoas”, Gardner 1 271 (Fl. Bras.). Pernambuco: arredores de Recife, Tapera etc., em lugares abertos e secos. Pernambuco e Paraíba: frequente no tabuleiro de També.

AE. MARGINATA Bth. — Pernambuco: Gravatá (P. 1 176, como *paniculata* Willd.); Quipapá (A.L. 50-571). — Piauí, Ceará.

AE. SENSITIVA Sw.⁽¹¹⁾, “corticeira”. — Comum em pântanos abertos ao sol e em margens de rios, por todo Pernambuco (P. 338 e P. 1 990 estão no herbário Pickel como *Ae. Selloi* Vog.) e Paraíba. O rizoma suberoso serve como cortiça. — América tropical e subtropical meridional, e Antilhas.

AE. VISCIDULA Mich. — “Prope Piassabussu and Rio S. Francisco, prov. Alagoas”, Gardner 1 272 (Fl. Bras.). Paraíba: João Pessoa, estrada de Cabedelo, na areia (L.X.). — Sul dos Estados Unidos e Nordeste Brasileiro.

POIRETIA Vent. — 6 espécies na América tropical e subtropical do Sul (ausentes da Amazônia). Subarbustos na maioria volúveis, com flôres amarelas.

P. SCANDENS Bth. — “In montibus prov. Pernambuco a peregrinatoribus plurimis lecta” (Fl. Bras.). Pernambuco: Tapera (P. 3 104); Cararu (A.L. 50-524). — América tropical e Antilhas.

⁽¹⁰⁾: A estampa 14 da Fl. Bras. não corresponde a esta espécie, mas a *brasiliana* (Poir.) DC.

⁽¹¹⁾: A estampa 12 da Fl. Bras. corresponde a esta espécie e não a *A. Selloi* Vog.

STYLOSANTHES SW. — Cêrca de 30 espécies nos trópicos e subtrópicos de ambos hemisférios, principalmente na África e na América do Sul. Subarbustinhos e ervas eretas (forrageiras no Brasil); flôres amarelas. A maioria das espécies é polimorfa, e os autores divergem quanto à categoria de espécie e variedade.

ST. ANGUSTIFOLIA Vog. — Erva pequena de caule fino, comum na zona da mata e no litoral de ambos os estados, sobretudo em pastos entre as gramíneas. — Hiléia, Maranhão, Piauí e Ceará.

ST. CAPITATA Vog. — Erva pequena, porém dura. Pernambuco: Gravatá (P. 1 104); Goiana, Itapirema (P. 4 152); Araripe (A.L. e M. 52-1 076). Pernambuco e Paraíba: tabuleiro de També (P. 1 721; D. e A.L. 42). — Piauí, Bahia.

ST. GUIANENSIS SW. — Subarbusto bastante alto de lugares arenosos abertos, secos. *Forma típica*: comum nos dois estados, muitas vêzes à beira de caminhos. — América tropical e temperada do Sul. — VAR. GRACILIS (H.B.K.); comum nos tabuleiros de Goiana, També e outros. — América tropical; na Amazônia, em campos altos.

ST. SCABRA Vog. — “Prov. Pernambuco”, Gardner 973 (Fl. Bras.). Freqüente em lugares cultivados, pastagens, etc., na zona da mata dos dois estados. — Do Norte da Argentina à América Central; não observada na hiléia.

ST. VISCOSA SW. — “Prov. Pernambuco”, Gardner 972 (Fl. Bras.). Comum perto de praias, em ambos os estados. — America tropical e meridional subtropical, e Antilhas.

ARACHIS L. — A êste gênero eminentemente característico pertence o amendoim cultivado (*A. hypogaea*), de origem incerta. Cêrca de 12 espécies polimorfas, tôdas da América do Sul tropical e subtropical. Erva de flôres amarelas.

A. PUSILLA Bth. — Pernambuco: Tapera (P. 3 031). Paraíba: João Pessoa (L.X.). — Piauí, Ceará e Bahia, e Norte da Argentina.

ZORNIA Gmel. — Cêrca de uma dúzia de espécies, segundo BURKART, 20 segundo AMSHOFF, em países tropicais e temperados de ambos os hemisférios, principalmente na América do Sul. Ervas com flôres amarelas, parecidas com *Stylosanthes*.

Z. BRASILIENSIS Vog. — Erva aromática do sertão. Pernambuco: Petrolândia (A.L. 50-536). — Ceará, Bahia, Minas.

Z. DIPHYLLA (L.). Pers. — Comuníssima nos dois estados como no Brasil inteiro, em várias formas ligadas por transições. — Cosmopolita tropical e subtropical.

Z. TENUIFOLIA Moric. — Pernambuco: Olinda (P. 737); Tapera (P. 2 820; V.S. herb. I.P.A. 243). — Pará (Marajó), Maranhão, Bahia.

DESMODIUM Desv. — Êste gênero é distribuído sôbre tôda a zona tropical e subtropical do mundo e, na América, ainda representado nas duas zonas temperadas. O número das espécies foi avaliado em cêrca de 500 por AMSHOFF, 200 por BURKART. As espécies americanas são

ervas rasteiras ou eretas, ou subarbustos; as flôres são violáceas, lilás ou brancas. Vastíssima distribuição geográfica e polimorfismo dificultam em muitos casos o estabelecimento de espécies naturais, e por isso a nomenclatura botânica, neste gênero, rivaliza em confusão com a de *Phaseolus*. O nome vulgar mais usado no Brasil inteiro é “carra-picho”, aliás aplicado a tôdas as plantas cujos frutos aderem facilmente à roupa; no Brasil extra-amazônico usa-se ainda o nome “marmelada de cavalo”, alusivo ao valor forrageiro das plantas.

D. ADSCENDENS (Sw) DC. — Erva ou subarbusto semiereto ou rasteiro, comum em tôda parte nos dois estados, sobretudo em pastagens e culturas abandonadas. Estípulas, nos espécimes coletados nos dois estados, soldadas até o meio ou livres até a base, sem que haja outras diferenças entre as plantas; o porte destas corresponde à descrição de *adscendens* (AMSHOFF, BENTHAM, BURKART, HOEHNE, SCHUBERT em Macbride, obras citadas) e não à de *canum* = *incanum* = *frutescens* dos mesmos autores. Está no herbário Pickel com o binômio *Meibomia incana*, det. Hoehne (Tapera, P. 639). — América tropical e meridional subtropical, Antilhas.

D. ASPERUM (Poir.) Desv. — “Prope Pernambuco”, Gardner 971 (Fl. Bras.). — Erva alta (até 3 m.) de capoeiras em lugares altos e secos e de tabuleiros, dispersa pela zona da mata e litoral de ambos os estados. No herbário Pickel (3 879), como *Meibomia spiralis*. — Da América Central ao Nordeste do Brasil.

D. BARBATUM (L.) Beth. — Comuníssimo em tôda parte nos dois estados, em beiras de estradas e outros lugares abertos e secos. — América tropical e meridional subtropical.

D. GLABRUM (Mill.) DC. (segundo SCHUBERT em Macbride o.c.) = *molle* (Vahl) DC. — Pernambuco: Pesqueira (P. 4 046); Floresta, Serra do Arapuá (A.L. e M. 52-1 153). Paraíba: Tabaiana (P. 1 459); João Pessoa (L.X.). — Bahia (Joazeiro), Ceará (Aracatí); Guiana, América Central.

D. SPIRALE (Sw.) DC. (= *procumbens* (Mill.) Hitchk., segundo AMSHOFF em Fl. Surin.). — Pernambuco: Russinha (P. 3 648). Paraíba: Cajazeiras (P. 3 906). — América Central e meridional tropical até o Nordeste do Brasil e Centro de Mato Grosso; Antilhas.

D. TRIFLORUM (L.) DC. — A menor das espécies encontradas no Brasil; erva prostrada ou rasteira. Freqüente nos arredores de Recife e João Pessoa, em lugares abertos entre as gramíneas, também em beiras de caminhos. Tem aqui a aparência de planta nativa, porém é indicada por vários autores como originária da Índia; segundo outros, seria cosmopolita tropical. No Brasil, encontrada no Centro e Nordeste (até São Luís do Maranhão), porém ainda não na Amazônia.

DESCRIBÇÃO DAS ESPÉCIES NOVAS

MIMOSA PUNGENTISSIMA n. sp. — Ad sectionis II (*Habbasia*) seriem 3 (*Hubicaulis*), speciei *M. obovata* Bth. affinis (secundum descriptionem; plantam non vidi); aculei autem creberrimi (pungentissimi), foliola evidenter trinervia (vel quinquenervia nervis externis tenuibus), pedunculi longi, legumen integrum margine validissime aculeato. Frutex alte scandens undique glaber; aculei recurvi basi dilatata, in caulibus petiolis et inflorescentiarum rhachidibus numerosi. Stipulae parvae. Petiolus cum rhachide usque ad 100 mm. longus, validus: pinnae 3-4-jugae; foliola 1-juga, suprema saepe 2-juga, 15-30 x 10-20 mm. metientia, sat tenuia et fragilia, obovata basi obliqua apice rotundata, supra subtiliter rugulosa, subtus in siccis pallidiora. Folia novella rubra. Bractee ovatae vel spatulatae, caducae. Flores albi, examinati petalis 3 et staminibus 6; calyx minimus; corolla vix ultra 2 mm. longa. Legumen brevissime et crasse stipitatum, usque ad 60 mm. longum, 12 — 15 mm. latum, non articulatum, planum, glabrum, valvis rugulosis, suturis aculeis recurvis validissimis et acutissimis saepius geminis abundantim armatis.

Recife (Pernambuco), in terrae altae silvis frequens; specimina loco Estrada da Aldeia lecta, florifera 29-VIII-1950 Dárdano A. Lima 50-629, fructifera 20-XI-1951 A. Ducke et Dárdano A. Lima 23.

Mimosa obovata Bth. secundum descriptionem divergit aculeis sparsis, foliolis sub-binerviis, pedunculis brevibus vel brevissimis, legumine inermi in articulos 5 — 8 secedente. *M. ceratonia* L. (Antillae) foliola 3-4-juga habet.

Esta espécie é frequente na mata dos arredores de Recife, principalmente na capoeira da margem das estradas; dá na vista pela bonita cor vermelha das folhas novas. É a mais bem armada das espécies aqui encontradas. Tenho-a como nova, por não poder encontrar, entre as numerosas espécies brasileiras, outra cuja descrição lhe corresponda.

HYMENAEA RUBRIFLORA n. sp. — A specie *H. Martiana* Hayne differt statura parva vel vix media, inflorescentiarum rhachidibus et pedicellis rufotomentosis, alabastrorum tomento brunneo vel rufo, receptaculi stipite brevissimo, calycis segmentis anthesi extus brunneis tenuiter tomentosis, intus rubris dense albidosericis, petalis staminibus pistilloque rubris, legumine minore et minus fortiter compresso. Arbor parva vel media; folia subtus rufo-vel cano-subferrugineo-tomentosa; inflorescentiarum rhachides vulgo robustiores quam in *H. Martiana*; flores pro genere parvi, vulgo minores quam speciei citatae.

Frequens circa urbem Recife: in silvula secundaria (“capoeira”) terris altis ad Estrada da Aldeia 30-4-1952 florifera et cum fructibus junioribus, Ducke et D. A. Lima 99; Dois Irmãos, Dárdano A. Lima 49-267 et 49-280, florifera et cum fructibus adultis.

Esta espécie, em estado florífero, dá na vista pelas flôres bem vermelhas que parecem constituir uma exceção no gênero (as de tôdas as outras que conheço são brancas ou, quando muito, ligeiramente rosadas).

PELTOGYNE RECIFENSIS n. sp. — Speciei *P. pauciflora* Bth. evidenter affinis, differt praesertim pedicellis brevibus, receptaculo minus brevi, sepalis sericeis, leguminis valvis crassis. Arbor mediocris vel magna, cortice brunneo-cinereo, ligno interiore pulchre violaceo, partibus vegetativis omnibus glabris innovationibus solis minute tomentellis. Folia petiolo 5 — 10 mm. longo; foliolorum petiolulus circiter 5 mm. longus, lamina vulgo 50 — 80 mm. x 25 — 50 mm. metiens, plus vel minus falcato-oblonga rarius ovato-vel obovato-oblonga basi vulgo mediocriter inaequilatera apice acuminata, adulta rigide coriacea utrinque dense et valide prominenter reticulata, concolor et nitidula. Racemi in paniculam in speciminibus nostris parvam laxifloram folia parum excedentem compositi, rhachidibus et pedicellis breviter canopuberulis, bracteis et bracteolis non visis, pedicellis vix ultra 2 mm. longis. Flores albi; receptaculum canosericeum breviter turbinatum circiter 1 ½ mm. longum; sepala et petala glandulosa; sepala ovata extus praesertim basi tenuissime canosericea, 3-4- mm. longa; petala obovali-oblonga glabra, sepala parum excedentia. Stamina glabra petalis duplo longiora; ovarium stipitatum, glabrum. Legumina vetusta sub arbore lecta, late obovato-suborbiculata 30-34 mm. diametro, stipe brevi, crasse coriacea, suturis non alatis superiore minus curvata quam inferiore, unilatera-liter dehiscentia, semine unico viso, putredine corrupto.

Frequens prope urbem Recife in silva terris altis; “barabús” appellata. Specimina florifera 14-XI-1951, A. Ducke et Dárdano A. Lima 12, loco Estrada da Aldeia; sterilia et legumina vetusta Dárdano A. Lima 51-958, loco Dois Irmãos.

Parece-se à primeira vista com *P. pauciflora* Benth., mas tem raminhos glabros, faliolos maiores e bem mais rijos, pedicelos mais curtos e mais robustos, receptáculo pequeno mas perfeitamente desenvolvido, sépalas revestidas de tênue tomento, e legume com valvas muito mais espessas. *P. pauciflora* distingue-se da presente pelos raminhos novos densamente pilosos, as fôlhas um tanto menores e muito menos rijas, os pecíolos pubescentes, os pedicelos mais compridos, mais delgados e bastante pubescentes, o receptáculo quase nulo, as sépalas glabras, e o legume com valvas muito mais tênues. A forte e regular reticulação das fôlhas é comum a ambas.

CAESALPINIA LEIOSTACHYA (Bth.) Ducke n. sp. (= *C. ferrea* var. *leiostachya* Bth.). — Ab affini *C. ferrea* Tul. divergit statura elata (usque ad 30 m.), trunco cylindrico recto alto et robusto cortice laevi pulchre albido — et fusco — variegato, glabritie partium omnium exceptis foliolis nonnunquam infra pilosulis, pinnis saepe usque ad 5-jugis, foliolis constanter minoribus et numerosioribus (usque ad 10-jugis); legumen ut videtur semper maius et rectum. Nomen vulgare: pau ferro (Rio, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Paraíba). Spontanea in silvis collinis ad urbem Rio de Janeiro, loco Jacarèpaguá, Glaziou 2 555 secundum BENTHAM, et Glaziou 5 847 in herbaria Mus. Nac. Rio; Avelar, civit. Rio, Machado Nunes 24, in herb. Mus. Nac. Rio; Bahia: Caeteté-Jequié, Zehntner 647 (arbor media foliolis infra pilosulis, inflorescentiis glabris), et Caldeirão de Miranda, Macacos, Zehntner 666

(arbor magna trunco alto recto, foliolis infra pilosulis); Pernambuco: Buique, Vasconcelos Sobrinho, herb. Instituto de Pesquisas Agronômicas Pernambuco, 708, et in silva montana circa Garanhuns vista; Paraíba (LAURO XAVIER). Culta in urbe Rio de Janeiro (horto botânico, herb. 342, flor, et fruct.), et in S. Paulo Recife et Manaus.

Esta espécie estava confundida com *C. ferrea*, nos herbários como na literatura botânica, o que se deve em parte ao nome vulgar “pau ferro”, aplicável a ambas. O aspecto das árvores é completamente diferente, mas as duas têm em comum o fruto carnosos e indeiscente, único entre as espécies brasileiras deste gênero. O nome “pau ferro”, no Brasil, serve para designar árvores muito diferentes, conforme os estados. No Rio e em S. Paulo êle parece ser reservado para *Caesalpinia leostacya*; em Pernambuco, usado para a mesma espécie e para *Dialium guianense*, e ainda para o “jucá” (*C. ferrea*); no Pará, às vêzes, para *Peltogyne paniculata*.

SWARTZIA Killip n. sp. — Ad seriem III, *Tounateae* Benth. Arbor parva ramulis cinereis, novellis brunnescenti-pubescentibus. Stipulae subulatae 4 — 5 mm. longae, caducae. Folia imparipinnata, petiolo rhachidisque parte inferiore canotomentosis, petiolo infra foliola 10 — 30 mm. longo, rhachide vulgo 100 — 170 mm., profunde canaliculata et marginata, sub jugis levissime dilatata; stipellae subulatae 1 — 1 ½ mm. longae diu persistentes. Foliola 9 — 15 observata, saepius 13, opposita (terminali excepto), brevissime (1-2 mm.) petiolulata, forma et magnitudine in eodem folio valde variabilia, 15 — 100 mm. longa et 12 — 35 mm. lata, basilia saepe brevia et ovata, intermedia et praesertim superiora ovato-oblonga, lanceolata vel oblanceolato-oblonga, basi rotundata, in inferioribus saepe cordata, in superioribus saepius plus minusve obtusa, apice vulgo acuta vel breviter acuminata, membranacea vel subcoriacea, supra glabra nitida, subtus cinereosericea, nervis et venulis reticulatis prominulis praesertim supra conspicuis. Racemi e ramulis vetustioribus, vix ultra 50 mm. longo, pauciflori, undique ferrugineovelutini, bracteis deltoideis parvis caducissimis, pedicellis robustis apice dilatatis et minute bibracteolatis, anthesi ad 12 mm. longis. Alabastra subovato-globosa minime apiculata, ferrugineosericea, adulta circiter 6 mm. diametri. Calyx anthesi fissus in lobos 4 vulgo 8 — 10 mm. longos reflexos intus dense fulvovillosos. Petalum album glabrum ungue brevi, lamina suborbiculata circiter 12 mm. diametri. Stamina albida, glabra; maiora 4 observata, filamentum et anthera multiple longioribus et crassioribus quam staminum minorum; stamina minora numerosissima, glabra. Ovarium glaberrimum, crassum, falcatum, stipite mediocri, stylo brevi uncinato inflexo. Legumen eo speciei *S. Flemmingii* in Martii Flora Brasiliensi descripto et figurato sat simile, at perfecte glabrum, nitidum, siccitate transversaliter prominulo-striatum; suturae parum dilatatae; maturum ut semina et arillus flavidum, usque ad 140 x 60 x 45 mm. metiens, crasse compressum turgidum, stipite brevi vel ad 15 mm. longo; semina usque ad 12 observata.

Pernambuco: frequens circa urbem Recife in terris altis, praesertim in silvula secundaria: inter Dois Irmãos et Macacos (Ducke 2 262, et Vasconcelos Sobrinho herb. Inst. Pesqu. Agrn. 199); prope Tapera (B. Pickel 2 394). Paraíba: inter João Pessoa et Cabedelo, silvula in solo arenoso (Ducke 2 315). Nomen vulgare: "jacarandá branco".

Esta espécie foi classificada como nova, por ELLSWORTH P. KILLIP (do U.S. National Herbarium), porém nenhuma descrição foi publicada. O nome indica que a classificação foi baseada numa duplicata do acima citado material do padre Pickel. As espécies próximas, *S. psilonema* (Bahia — Pará), *S. Flemmingii* Raddi (Rio, Minas e Bahia) e *S. multijuga* Vog. (Rio, Minas) têm folíolos mais numerosos e muito menores; *S. psilonema* tem, além disso, ovário seríceo; *S. Flemmingii* tem estames pilosos e ovário tomentoso; *S. multijuga* tem estames hirsutos. Nossa espécie nova é comum nas terras altas perto do Recife, onde ela floresce principalmente no fim da estação chuvosa e começo da seca (agosto a outubro), mas ocasionalmente em qualquer mês do ano. O nome popular "jacarandá" que nos estados do Sul e Centro é reservado às espécies de *Dalbergia* e *Machaerium* fornecedores de madeira escura é, no Pará e Maranhão, aplicado à *S. psilonema*, bastante parecida com a espécie presente.

MACHAERIUM VIRIDIPETALUM n. sp. — A par. 1 (*Lineata* Bth. in Martii Flora Brasiliensi) ad par. 4 (*Reticula* Bth. ibidem) transiens, speciei amazonicae *M. aureiflorum* Ducke proximum, divergens caule non compresso, bracteis et bracteolis conspique maioribus et persistentibus, pedicellis minimis vel nullis, floribus minoribus, petalis pallide viridibus vexillo extus densissime brunneosericeo. Frutex parum alte scandens caulibus subylindricis, ramulis sat tenuibus dense ferrugineo — (demum cano) tomentosis, vetustis glabratis. Stipulae lanceolatae vulgo caducae, hinc illinc persistentes et spinescentes. Foliola saepius 9 vel 11 rarius 13, alterna vel rarius opposita ad 3 mm. petiolulata, 40 — 85 x 20 — 30 mm. metientia, oblanceolata vel obovato-oblonga basi vulgo acuta apice soepius longe et subabrupte acuminata, tenuiter coriacea, supra glabra nitidula, subtus adpresse pilosula et pallidiora, nervis a costa divergentibus crebris parallelis, parti usque ad marginem subtus distincte elevatum conspicuis, partim ante marginem reticulato-anastomosantibus, supra parum subtus distincte prominentibus. Racemi paniculati, ad apices ramulorum vulgo in paniculam amplam compositi, dense rufotomentosi, bracteae lanceolato-ovatae, inferiores 3 — 5 mm. longae cito caducae, superiores (in racemulis floriferis) ad 2 mm. longae post anthesin persistentes. Flores subsessiles vel brevissime pedicellati; bracteolae sub calyce persistentes 1 — 3 mm. longae ovatae vel ellipticae, ut bracteae et calyx dense rufopilosae. Calyx circiter 3 mm. altus dentibus acutis; petala pallide viridia vexillo 7 — 8 mm. longo extus dense brunneosericeo, alis et carinis 6 — 7 mm. longis. Stamina aequaliter diadelpa. Ovarium longe stipitatum dense rufohirsutum. Legumen longe et tenuiter stipitatum, glabrum, nucleo seminifero circiter 15 mm. longo, ala 30 35 mm. longa.

Non rarum in terris altis circa Recife (Pernambuco), saepius ad marginem silvae. Specimina examinata: Recife, Estrada da Aldeia, 29-8-1950 flor. et 14-11-1951 fructif., Dárdano A. Lima 50-625 et 51-946; Tapera, flor., D. Bento Pickel 2 424 et 3 672 (sub nomine *Diplostropis ferruginea*).

Material de herbário pode ser confundido com *M. aureiflorum* (Amazônia), o que dificilmente acontecerá com a planta viva. A forma dos caules, as brácteas persistentes, e as pétalas verdes e com denso indumento pardo no estandarte distinguem a espécie nova.

POECILANTHE FALCATA (Vell.) Ducke n. comb., = *Pterocarpus falcatus* Vell. (fructif.), = *Poecilanthe grandiflora* Benth. (florif.). — Material botânico completo, florífero e frutífero (Avelar, Estado do Rio, G. MACHADO NUNES III-1928, Instituto de Botânica de São Paulo 22 530) confirma a identidade da planta de Vellozo, já suposta por BENTHAM. Vi ainda espécimes somente frutíferos, procedentes da Paraíba do Sul (EDMUNDO KUHLMANN, Inst. Bot. S. Paulo 34 890) e no Nordeste (citados em parte anterior deste trabalho). — Bondar 2 209, de Água Preta, Sul da Bahia, tem fôlhas e frutos semelhantes, mas as flôres são muito menores e diferem nalguns detalhes; é possível que seja *P. subcordata* Bth., descrita do Norte de Minas.

Os frutos de tôdas estas plantas correspondem ao desenho de VELLOZO mas abrem com deiscência elástica, o que era ignorado por BENTHAM que por isso colocou o gênero na tribo das *Dalbergieas*. A mesma deiscência é observada nas quatro espécies que habitam a hiléia. A espécie extra-tropical *P. parviflora* Bth. (Uruguai e Argentina) tem fruto discoidal, subcoriáceo, indeiscente, estriado, unisseminado (Burkart o. c. p. 225 e fig. 54) e pertence evidentemente às *Dalbergieas* onde possivelmente representará um gênero novo.
